


UNESP  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ALEXANDRE ALBERTO SCABELLO VOLPE

**SOU GAY E DAÍ: A HOMOSSEXUALIDADE
DECLARADA POR JOGADORES DE VOLEIBOL – UM
ESTUDO DE CASO**



ARARAQUARA – S.P.
2018

ALEXANDRE ALBERTO SCABELLO VOLPE

**SOU GAY E DAÍ: A HOMOSSEXUALIDADE
DECLARADA POR JOGADORES DE VOLEIBOL- UM
ESTUDO DE CASO.**

Trabalho de dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

ARARAQUARA – S.P.
2018

Volpe, Alexandre Alberto Scabello

SOU GAY E DAÍ: A HOMOSSEXUALIDADE
DECLARADA POR JOGADORES DE VOLEIBOL- UM
ESTUDO DE CASO. / Volpe, Alexandre Alberto Scabello –
Araraquara SP

135 f : il. ; 297 cm

Dissertação de mestrado – Faculdade de Ciências e Letras –
Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

1.Esporte 2. Gênero 3.Homossexualidade 4.Voleibol.

I. Volpe, Alexandre Alberto Scabello II. SOU GAY E DAÍ: A
homossexualidade declarada por jogadores de voleibol- Um
estudo de caso.

ALEXANDRE ALBERTO SCABELLO VOLPE

SOU GAY E DAÍ: A HOMOSSEXUALIDADE DECLARADA POR JOGADORES DE VOLEIBOL- UM ESTUDO DE CASO.

Trabalho de Conclusão de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de Pós em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

Data da qualificação: 22/01/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

Nusex – Núcleo de Sexualidade – Unesp Campus de Araraquara SP

Membro Titular: Prof. Dr^a Luci Regina Muzetti

Departamento de Didática – FCLAR – Unesp Campus de Araraquara SP

Membro Titular: Prof Dr. José Henrique Mazon

Universidade Estadual Paulista – UNIP Campus de Araraquara SP

Dedico este trabalho de pesquisa aos meus pais, irmãos e parentes. E de modo especial ao meu filho Marcelo, bem como ao meu orientador Prof. DR. Fábio Tadeu Reina, aos membros da Banca e a todos os professores do Programa que muito contribuíram para este momento. Enfim a todos aqueles que apesar de todas as adversidades sempre acreditaram que eu seria capaz de atingir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Osmar Alberto Volpe, minha Mãe Ana Lúcia Scabello Volpe, Meu Filho Marcelo Camargo Rossato Scabello Volpe, Minhas Irmãs Luciana Scabello Volpe e Liliana Scabello Volpe e a toda Família, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos.

À meu orientador: Prof. Drº Fábio Tadeu Reina

“Mas tudo ainda era muito maior quando a gente ouvia contada, a
narração dos outros [...]”

João Guimarães Rosa (1994, p.35)

RESUMO

O esporte na maioria das vezes tem sua representatividade fixada na masculinidade como pré-requisito básico para creditar a possibilidade de prática a qualquer indivíduo. A associação a esta representação social, cria uma cultura esportiva onde se define a estereotipação de quais práticas cabem aos homens e quais delas cabem às mulheres numa condição de personificação do esporte. Todo e qualquer movimento contrário a esta lógica imposta como legitimação social pela classe dominante subverte a ordem e instaura-se o preconceito para além do gênero, obstruindo muitos atletas a progredirem profissionalmente nestes esportes por assumirem uma postura contrária as preconizadas como ideal de virilidade. Diante deste contexto presenciado na realidade brasileira esportiva, o voleibol é um esporte que tem uma representação social como imaginário a sua prática condizente mais para mulheres do que por homens. Devido a isto, pela execução de suas habilidades motoras especializadas e o não contato físico entre os praticantes faz dele preferido pelo público feminino em detrimento ao futebol, por exemplo, onde se exige uma corporeidade voltada ao contato físico constante entre os participantes, por isso cria-se uma corporeidade de gestos mais suaves e delicados. Por esta razão vê-se uma associação de muitos atletas homens que praticam a voleibol, também serem homossexuais e explicitam essa condição nas ações motoras do jogo. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo principal primeiro apontar é analisar como adquiriram a homossexualidade e como isto, perpassa suas vidas na família, escola e equipes. Para alcançar este objetivo a metodologia utilizada foi composta primeira por uma revisão de literatura que nos permitiu entender sobre sexualidade, homossexualidade, gênero e esporte, todos eles deram condições de dialogar com as respostas dos entrevistados que tiveram suas identidades preservadas com nomes fictícios e, para coletar os dados, optamos por entrevistar quatro atletas de voleibol que se declararam homossexuais e que pertencem a equipes esportivas que disputam competições regionais e estaduais. Portanto trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, com a elaboração de um roteiro de questões semi estruturada, onde a entrevista foi o procedimento metodológico adotado, já que ela permitiu ao entrevistado fazer colocações ampliadas a respeito da temática investigada. Após esta etapa, analisamos todas as questões e diante das respostas concluímos que todos os atletas apontaram que a homossexualidade não tem relação com o esporte em si, mas que se torna uma barreira sim para elevar-se na hierarquia esportiva, ficando restrito a equipes que disputam torneios considerados de segundo nível sem projeção nacional ou internacional, pois nesse contexto sua aceitação é maior.

Palavras – chave: Esporte. Gênero. Homossexualidade. Voleibol.

ABSTRACT

The sport most of the time has its representativity fixed in the masculinity like basic prerequisite to credit the possibility of practice to any individual. The association with this social representation creates a sports culture where the stereotyping of which practices fit the men and which of them fit to the women in a condition of personification of the sport is defined. Any and all movement contrary to this logic imposed as social legitimacy by the ruling class subverts the order and establishes the prejudice beyond the gender, obstructing many athletes to progress professionally in these sports because they take a contrary position to those recommended as an ideal of virility. In view of this context, seen in the Brazilian sporting reality, volleyball is a sport that has a social representation as imaginary, its practice more suitable for women than for men. Due to this, the execution of their specialized motor skills and the non-physical contact between the practitioners makes it preferred by the female audience to the detriment of the soccer, for example where a corporality is demanded for the constant physical contact between the participants, therefore it is created a body héxis of gestures more gentle and delicate. For this reason it is seen an association of many athletes men who practice volleyball are also homosexuals and they explain this condition in their corporal héxis in the motor actions of the game. In view of this, this research has as main objective to identify in the life trajectory of some of these volleyball athletes, declared homosexuals, first where they acquired this homosexuality and if it becomes an obstacle to their sporting ascent. In order to reach this objective, the methodology used was first composed by a literature review that allowed us to understand about sexuality, homosexuality and for this we use, among others, Michael Foucault, in relation to gender to understand this concept we use Guacira Louro and specifically about volleyball, we use Barros, Crisostomo, all of them were able to dialogue with the answers of the interviewees who had their identities preserved with fictitious names and, to collect the data, we chose to interview four volleyball athletes who declared themselves homosexual and that belong to sports teams which compete for regional and state competitions. Therefore, it is a research of a qualitative nature, with the elaboration of a semi-structured questionnaire, where the interview was the methodological procedure adopted, since it allowed the interviewee to make extended positions regarding the researched topic. After this stage, we analyzed all the questions and, in the face of the answers, we concluded that all athletes pointed out that homosexuality has no relation to the sport itself, but that it becomes a barrier to elevating itself in the sports hierarchy, being restricted to teams who compete in tournaments considered of second level without national or international projection because in this context the acceptance is better.

Key - words: Sport. Genre. Homosexuality. Volleyball.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	QUAL FOI SEU PRIMEIRO CONTATO COM A HOMOSSEXUALIDADE	95
Quadro 2	EM SUA FAMÍLIA, COMO FOI SUA ORIENTAÇÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?	97
Quadro 3	VOCÊ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO NA FAMÍLIA EM RELAÇÃO DA SUA OPÇÃO SEXUAL?	99
Quadro 4	NA ESCOLA, QUAIS FORAM AS INFORMAÇÕES DADAS POR SEUS PROFESSORES?	102
Quadro 5	VOCÊ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO NA ESCOLA EM RELAÇÃO DA SUA OPÇÃO SEXUAL?	105
Quadro 6	VOCÊ JÁ TRABALHOU COM ALGUM TÉCNICO HOMOSSEXUAL? SE SIM, ELE TEVE ALGUMA INFLUÊNCIA EM SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?	108
Quadro 7	VOCÊ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO NO MEIO ESPORTIVO DO VOLEIBOL EM RELAÇÃO DA SUA OPÇÃO SEXUAL?	110
Quadro 8	DENTRO DE SUA EQUIPE, DE QUE MANEIRA OS ATLETAS E A COMISSÃO TÉCNICA SE PORTAM SOBRE ESTE ASSUNTO?	112
Quadro 9	DENTRO DO MEIO ESPORTIVO DO VOLEIBOL, DE QUE MANEIRA OS ATLETAS E AS COMISSÕES TÉCNICA SE PORTAM SOBRE ESTE ASSUNTO?	114
Quadro 10	A HOMOSSEXUALIDADE TEM INFLUÊNCIA SOBRE SUA VIDA PROFISSIONAL, ATLÉTICA E FAMILIAR	116
Quadro 11	EM SUA OPINIÃO, PORQUE TEMOS MUITOS HOMOSSEXUAIS JOGANDO VOLEIBOL?	118

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 ESPORTE: A RELEVÂNCIA DO CONTEXTO HISTÓRICO DO ESPORTE.	16
2.1.2 O ESPORTE NO BRASIL	26
2.1.3 A HISTÓRIA INSTITUCIONALIZADA DO ESPORTE NO BRASIL.	27
2.2 O ESPORTE ESCOLAR	29
2.3 O ESPORTE DE RENDIMENTO	33
3. O VOLEIBOL DO SEU CONTEXTO HISTÓRICO A REALIDADE BRASILEIRA	36
3.1 O Voleibol No Brasil	39
4. GÊNERO: A SUBVERSÃO DA ORDEM NO CONTEXTO ESPORTIVO	44
4.1- Um Olhar Sobre A Construção De Genero.	44
4.2 Desconstruindo e pluralizando os gêneros	50
5. SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE	56
5.1 A HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE	75
5.2 A HOMOSSEXUALIDADE COMO UMA CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE	87
6. METODOLOGIA	89
6.1 COLETA DE DADOS	92
7. SOU GAY É DAI: AS NUANCES DA HOMOSSEXUALIDADE NA TRAJETÓRIA DOS JOGADORES DE VOLEIBOL.	94
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
9. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

1. INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno moderno surgido do século XVIII, e mais marcadamente no século XIX, na Europa, em especial na Inglaterra (BRACHT, 1997). Ele teria surgido, segundo Bracht (1997) a partir da regulação (esportivização) de elementos da cultura corporal, tanto de origem popular quanto das elites, entre os quais os jogos populares são os exemplos mais recorrentes.

Junto à urbanização e à industrialização, o esporte desenvolveu-se e disseminou-se, para além dos limites europeus, como símbolo do novo e do moderno, de certa forma negando os valores dos tempos que o precediam. O esporte moderno é uma arena de construção de gênero.

Nessa construção, a masculinidade, como na ampla maioria das esferas da cultura, ocupa um lugar privilegiado. Ao mesmo tempo em que os homens são beneficiados, inclusive financeiramente, pelas representações positivas de seu gênero, essa valorização poderá acarretar em dificuldades para aqueles homens que não correspondam exatamente à norma produzida/esperada como adequada para as masculinidades no esporte.

Assim, a noção de gênero é entendida aqui como relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos (Scott, 1995). Essa percepção, por sua vez, está fundada em esquemas classificatórios que opõem masculino/feminino, sendo esta oposição homóloga e relacionada a outras: forte/fraco; grande/pequeno; acima/abaixo; dominante/dominado (Bourdieu, 1999).

Essas oposições são hierarquizadas, cabendo ao pólo masculino e seus homólogos a primazia do que é valorizado como positivo, superior. Essas oposições/hierarquizações são arbitrárias e historicamente construídas.

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado, em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e

nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (Bourdieu, 1999, p. 17).

Entender as relações de gênero como fundadas em categorizações presentes em toda a ordem social, permite compreender não somente a posição das mulheres, em particular, como subordinada, mas também a relação entre sexualidade e poder. A oposição ativo/passivo traz consigo a heterossexualidade como norma, e dispõe homens e mulheres segundo a “natureza”.

Neste sentido, a homossexualidade subverteria a norma, a partir da ocupação, no caso da homossexualidade masculina, de uma posição inferior (dominada) (Bourdieu, 1999). Essa posição foi construída historicamente, pela medicina e psiquiatria, a partir da reelaboração da prática homossexual como enfermidade, e não mais como pecado (Turner, 1989) e é fundada na percepção de diferentes naturezas para homens e mulheres e na identificação do homossexual com a natureza feminina (Costa, 1996).

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente (Goffman, 1988).

Aos homossexuais abre-se a possibilidade de manipulação da informação que as pessoas têm sobre eles, na medida em que esta prática não seria, a princípio, evidente, a não ser em situações de intimidade (Goffman, 1988).

Esta possibilidade é, ao mesmo tempo, o interdito da visibilidade e a incorporação do mesmo (dominação simbólica), indicando a aceitação da existência de uma prática sexual correta e instituindo uma experiência envergonhada (escondida) da sexualidade (Bourdieu, 1999).

Fazem isto a partir do estabelecimento de relações igualitárias, nas quais os papéis ativo/passivo não existem como relação de subordinação. Ao contrário, as relações sexuais seriam vistas como fontes de prazer, sendo valorizadas por isto.

O gay, de alguma forma, rompe com a representação do homossexual masculino como inferior, feminino; com o gay, a imagem do homossexual é redefinida como masculina, adotando os signos da masculinidade (corpo musculoso, bigode, calças justas).

O rompimento com a invisibilidade se dá com uma superação do gueto, e a constituição de grupos organizados de homossexuais que visam questionar sua posição na sociedade, tentando redefinir a categorização social do homossexual: lutando por impor o sistema de classificação mais favorável a suas propriedades ou ainda para dar ao sistema de classificação dominante o conteúdo melhor para valorizar o que ele tem e o que ele é (Bourdieu, 1979, p. 554).

O Primeiro caso de um Atleta que assumiu publicamente sua homossexualidade foi Luiz Cláudio Alves Silva, ou simplesmente Lilico, como era conhecido pelos amigos e no meio esportivo. Foi um atleta de voleibol brasileiro, forte e versátil que atuou como ponteiro e oposto, com um alcance no ataque de 3,60m e um saque que chegava aos 100 km/h.

Desde o início da carreira se destacou por seu porte físico e potência nos ataques, com 14 anos foi convocado pela Seleção Brasileira para treinar juntamente com os atletas mais velhos, três a mais que o jovem garoto, onde acabou sendo cortado.

Mas com toda sua capacidade demonstrada dentro do Voleibol, acabou sendo convocado novamente um ano mais tarde, em 1991, para os treinamentos da Seleção que estava se preparando para o Campeonato Sul-Americano Infante-Juvenil do ano seguinte, na cidade venezuelana de Valencia, onde viria conquistar a medalha de ouro.

Em 1993 começou sua vitoriosa carreira nas categorias de base do extinto E.C. Banessa, equipe formadora de grandes talentos do Voleibol Brasileiro, Além do Banessa,

atuou em outros Clubes Brasileiros, Palmeiras, Unicolor/Três Corações, Barão Ceval, Suzano, Ulbra, além de atuar fora do País, na Equipe Japonesa Nippon – Steel.

Foi colecionador de títulos, onde podemos destacar a Superliga temporada 2002/2003, dois Campeonatos Paulista, Dois Vice Campeonatos Paulista, um Campeonato Gaúcho, o 4º lugar na Liga A Japonesa, além de ter conquistado o troféu de segundo maior pontuador da Superliga na temporada 1998/1999, com 448 pontos, ficando somente a um ponto do Atacante Pesão, primeiro colocado.

Todos esses títulos conquistas e dedicação foram colocados aparentemente em cheque depois de se assumir publicamente homossexual, o ápice desta história foi em 2000, quando foi cortado da seleção brasileira que iria para a Olimpíada de Sidney e convocou uma coletiva para demonstrar sua insatisfação e expor um suposto preconceito sofrido por ser homossexual e que este seria o real motivo de sua não ida aos Jogos Olímpicos.

Isto nunca foi comprovado, o técnico da Seleção Brasileira na época, Radamés Lattari Filho, disse em entrevista aos meios jornalísticos da época que "Não convoquei o Lilico do mesmo modo que não chamei o Pezão, o Dirceu e o Anderson, que também estão tendo boas atuações na Superliga. Optei por outros jogadores, exclusivamente por critérios técnicos."

Lilico deu várias entrevistas na época sobre este assunto e sempre afirmou que a justificativa oficial que utilizaram para sua não convocação não era a realidade, mas sim a de ter assumido sua homossexualidade.

O Atleta sempre afirmou também que dentre os companheiros nunca teve problema com relacionamento, que todos os respeitavam e que nunca havia ficado com companheiros ou até mesmo de outras equipes.

Sempre colocou que respeitava seu local de trabalho e as pessoas que conviviam com ele, por isso o grande respeito que tinha no meio esportivo.

Infelizmente sua carreira terminou prematuramente em 2007, em decorrência de Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Outro caso com enorme repercussão dentro do voleibol brasileiro foi do Central Michael dos Santos. Michael, um meio de rede com 2,02m de altura, foi outro atleta oriundo das categorias de base do extinto E.C. Banespa.

Também com uma carreira vitoriosa, sofreu com o preconceito no jogo do dia 1 de abril de 2011, no Ginásio do Riacho, em Contagem Minas Gerais aquele foi o primeiro jogo das semifinais da Superliga masculina 2010/2011, entre Cruzeiro e Vôlei Futuro, no qual a Equipe Mineira saiu vitoriosa, o atleta Michael foi ofendido pelos torcedores da Equipe Mineira, toda vez que atacava e principalmente antes de sacar, com gritos de “Bicha”, “Gay”. Esta atitude foi relatada para a Confederação Brasileira de Volei, a qual tomou as providências, sendo o Clube Mineiro punido com uma multa e perda de mando de jogo. Foi a primeira punição no Brasil no âmbito esportivo por um caso de homofobia.

Com a grande repercussão do caso na mídia, Michael que até aquele momento não havia se declarado homossexual publicamente, resolveu assumir sua orientação sexual, a qual afirmava nas entrevistas da época, que todos companheiros de clube sabiam, e o respeitavam muito, nunca tendo problemas de relacionamento nos Clubes em que atuou.

No segundo jogo das semifinais na Cidade de Araçatuba, uma grande manifestação a favor da luta pela homofobia foi realizada, sendo estendida uma enorme bandeira foi aberta na arquibancada pedindo o fim do preconceito e na entrada dos Atletas da Equipe de Araçatuba, todos utilizavam uma camiseta na cor rosa com o número e nome do Atleta.

O Líbero da Equipe de Araçatuba utilizou uma camisa de jogo com as cores do movimento LGBT.

Michael, na época, em uma declaração ao Site globoesporte.com, disse que “Já tinha acontecido casos isolados de algumas pessoas gritarem pelo clima do jogo. Mas nem escuto, deixo

passar porque é ignorância. Mas foi um coro, senhoras, crianças e mulheres gritando, já num clima preconceituoso mesmo. Hoje resolvi falar para que isso não aconteça mais, não só comigo, caso futuramente eu vá lá jogar de novo, se tivermos o terceiro jogo. Igual lá, nunca aconteceu. Até por isso que resolvi falar, fazer uma manifestação”.

Nesta direção, o objetivo geral do estudo é apontar e analisar como jogadores de voleibol de uma equipe de segunda divisão do interior paulista adquiriram a homossexualidade e como isto perpassa suas vidas na família, escola e equipes.

Para alcançar este objetivo proposto, optamos por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, tendo como procedimento metodológico as entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro jogadores de voleibol que se declararam homossexuais assumidos como opção de orientação sexual.

Depois de realizada as entrevistas com um roteiro de questões previamente elaboradas de acordo com o que se pretendeu investigar no estudo, estas foram gravadas e depois transcritas para análise.

As análises das respostas estão fundamentadas de acordo com a revisão de literatura feito com alguns estudiosos que fundamentam nos seus estudos: esporte, gênero, sexualidade e homossexualidade, respectivamente, Tubino, Louro e Foucault, com quem dialogamos de acordo as respostas dos participantes desta pesquisa.

Após esta análise, fizemos as considerações finais do estudo, e terminamos com as referencias aqui utilizadas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta sessão a intenção é trazer teorias e conceitos que dão rigor científico ao estudo, as visões macros e micros sobre o assunto em vigência. O fato de trazermos, teorias com pormenores permitirá entender o porque elaboramos as questões da maneira como foram elaboradas e principalmente a análise dos dados mediante as respostas proferidas as questões realizadas.

2.1 Esporte: A Relevância Do Contexto Histórico Do Esporte.

A maior contribuição da história do esporte para este estudo refere-se à sua perspectiva temporal. Sua historicidade pode ser considerada como a memória esportiva de uma nação, sem a qual fica um vazio muito grande. Ela pode apontar uma recordação esportiva, e também mostrar avanços e retrocessos dele.

A história mostra com evidências, eventos e acontecimentos esportivos em seus momentos históricos específicos, ajudando a explicitar as resistências ao seu redor. Se quisermos saber o futuro do esporte, temos que saber seu passado. Isso dá sustentação para pensarmos o voleibol, sua origem e evolução.

De fato, o esporte do passado moldou o esporte do presente, já que existe alguma herança nas regras, órgãos administrativos, estilos de jogadas, competições ou equipamentos. Ainda assim, é importante enfatizar que o conhecimento histórico é sempre provisório.

Tirando os fatos esportivos, que mostram quem ganhou e quem perdeu o que, onde e de quanto, não há verdades absolutas na história do esporte. Historiadores tentam entender o

passado coletando e analisando provas e usando-as para chegar a conclusões concretas. Porém, devemos reconhecer que a história do esporte é um terreno discutido, que pode ser visto de diferentes maneiras, a partir de várias visões.

Segundo TUBINO, 2010, a história do esporte divide-se em três períodos, o primeiro chamado de Esporte Antigo que na sua periodicidade corresponde até a primeira metade do século XIX, logo em seguida temos o Esporte Moderno que cronologicamente vai de 1820 a 1980 e por fim temos o Esporte Contemporâneo que corresponde ao período histórico que começa em 1980 até hoje.

Segundo Carl Diem (1966), a história do esporte é íntima da cultura humana, em que os povos tiveram, em cada época, seus esportes, que foram a essência de cada povo. Depois, Ueberhost (1973), apoiado em Diem, justificou a origem do esporte pela busca do conhecimento do homem sobre o próprio homem na sua natureza, sua vida pessoal e comunitária.

Os norte-americanos Van Dalen, Mitchel e Bennet, citados por Ueberhost, afirmaram que o esporte nasceu para resolver problemas pedagógicos primitivos. Eppensteiner (1973) liga a origem do esporte às motivações da ação esportiva. Elas vêm da natureza e da cultura. Para esse autor, o esporte é um fenômeno biológico e não histórico.

Em todos os momentos históricos, a natureza e a cultura coexistem ao criar um “instinto esportivo”, que para ele é a resultante da combinação do lúdico, do movimento e da luta.

Percebe-se que, na Antiguidade, as práticas esportivas eram muito diferentes das atuais; por isto as denominamos de Práticas Pré-esportivas, muitas de caráter utilitário para a própria sobrevivência das pessoas (natação, corrida, caça etc.) e também para as preparações para as guerras (marchas, caminhadas, esgrima, lutas etc.).

As Práticas Pré-Esportivas das Civilizações Antigas As antigas civilizações já tinham atividades físicas/pré-esportivas em suas culturas, a maioria com características utilitárias. As

principais civilizações foram: Chinesa – lutas chinesas, tiro ao arco chinês, esgrima de sabre, T'suChu e artes marciais chinesas; Egípcia – arco e flecha, corrida, saltos, arremessos, equitação, esgrima, luta, boxe, natação, remo, corridas de carros e jogos de pelota; Etrusca – duelos armados; Hitita – equitação, natação, remo, esgrima, tiro e luta; Japonesa – Artes marciais.

Muitas dessas práticas pré-esportivas do Esporte Antigo desapareceram com o tempo, outras se transformaram em Esportes Autótonos, que podem ser considerados “esportes puros”, isto é, esportes que continuaram a ser praticados ao longo do tempo sem receber influências de outras culturas.

Quando os Esportes Autótonos permanecem como prática, mas com modificações de outras culturas, geralmente de nações colonizadoras, passam a ser chamados Esportes ou Jogos Tradicionais.

Os Jogos Gregos como Primeiras Manifestações Esportivas O humanismo foi reconhecido por Jaegger (1945) como uma das principais marcas da sociedade grega. Para esse autor, o humanismo explica a educação dos gregos, que visava formar pessoas autônomas e fundamentalmente com ideias. Os Jogos Gregos, para Jaegger, realizavam-se na perspectiva do humanismo grego.

Os Jogos Gregos eram festas populares, religiosas, verdadeiras cerimônias pan-helênicas, cujos participantes eram as cidades gregas. Marrou (1950) mostrou que, inicialmente, esses Jogos ocorriam somente nas cidades da Grécia Continental e, mais tarde, estenderam-se a outros povos. Como exemplo dos Jogos Gregos, pode-se citar os Jogos Fúnebres, os Jogos Píticos, os Jogos Ístmicos, as Panatenéias, outros Jogos e principalmente os Jogos Olímpicos da Antiguidade. Os Jogos Fúnebres, segundo os escritos de Homero, eram em homenagem a figuras de destaque nas cidades gregas que haviam morrido. Homero cita a homenagem a Pátroclo, Tleopolino e às vítimas das batalhas da Maratona (490 a.C.) e Salamina (480 a.C.).

Os Jogos Píticos eram celebrados em homenagem a Apolo e foram criados em 528 a.C., em Delfos. Os Jogos Ístmicos tinham as mesmas competições dos Jogos Olímpicos e eram celebrados em Corinto, de dois em dois anos. Os Jogos Nemeus eram disputados em honra a Zeus de Kleonae. Foram os últimos Jogos a desaparecer.

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade, principal manifestação esportiva de toda a Antiguidade, eram celebrados em Olímpia, Élida, num bosque sagrado chamado “Altis”, em homenagem a Zeus Horquios, a cada quatro anos. Esses Jogos eram anunciados pelos arautos e desenvolvidos pelos helenoices.

As principais provas eram: corrida de estádio, corrida do duplo estádio, corrida de fundo, luta, pentatlo, corrida das quadrigas, pancrácio, corrida de cavalos montados, corrida com armas, corrida de bigas, pugilato e outras. A Ekécheiria era a dimensão pacífica das Olimpíadas da Antiguidade, embora estas compreendessem lutas e confrontações.

Os vencedores dos Jogos Olímpicos da Antiguidade recebiam, como preferidos dos deuses, uma coroa de ramo de oliveira e outras honras e recompensas. Pode-se concluir, em relação aos Jogos Gregos, que representaram os primeiros fatos esportivos, já que anteriormente o que aconteceram foram práticas pré-esportivas. 1º Estudo - Pesquisa e análise crítica sobre o conceito atual das manifestações esportivas.

A Crise do Movimento Esportivo na Decadência da Civilização Romana, Idade Média e Renascença A civilização romana diminuiu o movimento esportivo grego. Apenas criaram espaços especializados para a higiene corporal, como as termas, e desenvolveram jogos públicos chamados de jogos circenses, que, inclusive, deturpavam o sentido anterior ao adaptar os preceitos helênicos para os combates entre gladiadores. Na Idade Média e na Renascença, as práticas esportivas foram escassas e, às vezes, muito violentas. Entre elas, podem-se citar algumas que conseguiram destaque na História do Esporte:

a) O Torneio Medieval consistia numa verdadeira batalha corporal, com duas equipes contrárias usando cavalos, espadas e até lanças. Os vencedores recebiam prêmios e os perdedores, muitas vezes, morriam nas disputas.

b) A Soule era um esporte medieval popular, de grande violência, praticado na Europa Ocidental, variando em cada local, com número ilimitado de jogadores, que tentavam conduzir uma pelota (bexiga animal com ar) até um ponto pré-estabelecido de cada lado. Os jogos provocavam muitos feridos. Essa modalidade foi iniciada no século XI e chegou até o XIX.

c) O “Jeu de Palme” era um jogo de bola, de origem francesa, que consistia em bater numa pelota com a palma das mãos. Era disputado em salas fechadas e teve o seu auge no século XVI. Ainda é praticado.

d) O “Gioco del Calcio” ou Calcio Fiorentino era um jogo medieval, codificado no Renascimento, com 27 jogadores por equipe, cujo objetivo era conduzir a pelota com os pés ou mãos até o final da área adversária. Essa modalidade, iniciada no século XVI em Florença, permanece sendo exibida no “Carnaval Florentino”. Muitos afirmam que esse esporte é um dos precursores do Futebol.

e) As Justas eram disputadas entre dois cavaleiros com armaduras e lanças de ferro. O final das Justas ocorreu em 1559. Além dessas práticas esportivas descritas acima, existiram muitas outras modalidades (Austball, Carrossel, Mintonetti etc.).

Nos séculos XVIII e XIX, as práticas esportivas passaram a compreender apostas, o que foi uma nova e poderosa motivação para as disputas. Eram corridas curtas, lutas e provas de remo.

A Criação do Esporte Moderno O Esporte Moderno foi criado pelo inglês Thomas Arnold, diretor do Rugby College, que, a partir de 1820, começou a codificar os jogos

existentes com regras e as competições. Rapidamente a ideia de Arnold se estendeu por toda a Europa.

Com essa ideia surgiram os clubes esportivos, originados no Associacionismo inglês. Esse Associacionismo tornou-se o primeiro suporte para a Ética esportiva.

O Esporte Moderno recebeu um grande estímulo com a restauração dos Jogos Olímpicos por Pierre de Coubertin, em 1896 (Atenas).

O reinício do movimento olímpico consolidou o Esporte e ainda trouxe o segundo suporte da Ética esportiva: o Fair-play. A chegada do Olimpismo fixou o amadorismo como uma das referências. Naquele contexto do século XIX, o esporte, principalmente na Inglaterra, era praticado pela aristocracia e alta burguesia, que tinham suas práticas esportivas voluntárias e seu profissionalismo.

O amadorismo era uma defesa contra o ingresso popular na prática do esporte. V.1.7 O Período do Ideário Olímpico do Esporte Moderno Como já foi visto, o Olimpismo trouxe ao Esporte um impulso muito grande, além de inserir a necessidade do amadorismo nos esportes olímpicos.

O amadorismo era a base do ideário olímpico e, com a ética e o associacionismo, formava a própria ética esportiva.

O ideário olímpico prevaleceu até a metade da década de 1930, tendo o início de seu rompimento nos Jogos Olímpicos de Berlim (1936), quando Hitler tentou usar os Jogos para mostrar uma “suposta” supremacia ariana. Foi durante esse período histórico de ideário olímpico que surgiram os principais símbolos, emblemas e marcas olímpicas, além da realização dos I Jogos Olímpicos de Inverno (Chamonix/1824).

O Período do Uso Político-Ideológico do Esporte Moderno O ensaio, Hitler (1936), do uso político no esporte teve êxito a partir dos Jogos Olímpicos de Helsinque (1952). O Esporte tornou-se mais um “palco” da chamada Guerra Fria entre capitalismo e socialismo. Já

nos Jogos de Helsinque, a mídia ocidental, ao perceber que os Estados Unidos (EUA) tinham mais medalhas que a União Soviética, que pela primeira vez disputava os Jogos, convencionou uma classificação priorizando as medalhas de ouro e, com isto, enalteceu uma frágil superioridade esportiva capitalista.

Devido à prática esportiva feminina, a então União Soviética já era a primeira colocada nos Jogos Olímpicos do México (1968) e nos Jogos de Montreal (1972); os EUA eram os terceiros colocados, atrás da ex-Alemanha Oriental e União Soviética. Essa classificação também já acontecia nos Jogos Olímpicos de Inverno.

Os países capitalistas fraudavam o amadorismo com o chamado amadorismo marrom, que consistia em facilidades, bolsas e ajudas de custo aos atletas. Enquanto isso, os países socialistas também fraudavam o conceito de amadorismo, ao colocar seus atletas numa carreira esportiva estatal, que começava na detecção de talentos e seguia em escolas esportivas até as altas performances.

O uso político do Esporte era tão grande, que até países não desenvolvidos jogavam para o Estado as responsabilidades sobre o esporte. No Brasil, isso ocorreu desde o Decreto-Lei nº 3.199/1941 e a Lei substituta de nº 6.251/1975.

Nesse Período de uso político-ideológico, aconteceram muitas manifestações extremamente políticas e graves em Jogos Olímpicos:

a) manifestação dos negros norte-americanos Tommie Smith e Don Carlos, que, no “podium” dos 200 metros nos Jogos do México (1968), descalçaram-se e simbolizaram o movimento “Black Power”, fechando os punhos com luvas negras;

b) os atletas israelenses foram sequestrados e assassinados por terroristas do “Setembro Negro”, nos Jogos Olímpicos de Munique (1972);

c) muitos países africanos boicotaram os Jogos Olímpicos de Montreal (1976), protestando pela presença da Nova Zelândia nesses Jogos (a Nova Zelândia havia disputado uma partida de rugby contra a Rodésia, que mantinha a política racial do “apartheid”);

d) os EUA boicotaram os Jogos Olímpicos de Moscou (1980), alegando a invasão da União Soviética no Afeganistão;

e) a União Soviética revidou o boicote nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984), alegando a intervenção norte-americana em Granada.

Por tudo que foi desenvolvido acima, pode-se afirmar que esse foi um período de enfraquecimento do Comitê Olímpico Internacional, em função do contexto internacional, inserido em conflitos, principalmente a Guerra Fria.

A decadência do Olimpismo era tão grande, que foram criados os “Goodwill Games”, os quais, de alguma forma, equilibravam os desejos de competições de alto nível para os grandes atletas.

A Ética esportiva, vítima constante dos ilícitos (Doping, inclusive), foi se desmanchando, sem força para enfrentar o “chauvinismo da vitória”, isto é, a vitória a qualquer custo.

As Reações ao Chauvinismo da Vitória O quadro esportivo negativo do Período histórico do uso político ideológico do Esporte gerou reações importantes, que aos poucos foram criando as bases do Esporte Contemporâneo. Entre as reações, podem-se citar:

a) a criação do Movimento “Esporte para Todos” (EPT);

b) os Manifestos das organizações internacionais;

c) a adesão da intelectualidade internacional às questões do esporte. O Esporte para Todos (EPT) é conceituado como um movimento esportivo que defende e promove acesso às atividades físicas para todas as pessoas.

Nesse Movimento, o esporte não deve ser considerado um privilégio para aqueles que se apresentam com talento esportivo ou biótipos adequados para as práticas esportivas. Nasceu

na Noruega com o nome de “TRIMM”, com Hauge-Moe. Teve grande aceitação inicialmente na então Alemanha Ocidental, Noruega, Bélgica, Suécia e Holanda.

A TAFISA (Trim and Fitness International Sport for All Association) e a Fédération Internationale du Sport pour Tous são as instituições 1º Estudo - Pesquisa e análise crítica sobre o conceito atual das manifestações esportivas 27 internacionais que mais promovem o EPT. A Fédération Internationale d'Education Physique (FIEP) tem nas suas ações a Seção “Esporte para Todos”.

Os Manifestos dos organismos internacionais, de modo geral, reagiram às exacerbações do esporte de alto rendimento e foram importantes nas reflexões sobre o sentido que as competições esportivas estavam tomando.

Os principais documentos internacionais de reação foram: % o Manifesto do Esporte (1968), do Conseil Internationale d'Education Physique et Sport (CIEPS), assinado pelo Prêmio Nobel da Paz Noel Baker, no qual, pela primeira vez, foi defendido que o esporte não era somente rendimento, mas que existia um esporte na escola e um esporte do homem comum.

O Manifesto Mundial da Educação Física, da Fédération Internationale d'Education Physique (FIEP/1970), no qual esse organismo internacional tentou reforçar as conexões da Educação Física com o Esporte.

A Carta Européia de Esporte para Todos, em que foi praticamente estabelecido o referencial teórico para o Movimento EPT; % o Manifesto do Fair Play, editado em 1975, que mostrou a relevância do Fair-play nas competições, no sentido da ética e convivência humana.

A Carta de Paris, resultante do “I Encontro de Ministros de Esporte e Responsáveis pela Educação Física” (1976), em que o Esporte foi considerado uma efetiva manifestação de Educação permanente.

Outra reação das mais importantes ao “chauvinismo pelos resultados” foi o surgimento de intelectuais (sociólogos, filósofos e cientistas políticos principalmente) preocupados em “desintoxicar” as práticas esportivas de vícios, deformações e ilícitos que apresentavam.

Pode-se citar George Magnane, René Maheu, José Maria Cagigal, Pierre Parlebas, Cazorla Prieto, Ferruccio Antonelli, Phillip Noel-Baker, Norbert Elias, Eric Dunning e muitos outros. Muitos estudos, teses e posicionamentos sobre o esporte começaram a ser publicados.

Esse quadro negativo do Esporte, apesar das reações, perdura até o final da década de 1970, quando, devido à publicação da Carta Internacional de Educação Física e Esporte (UNESCO/1978), aparece a percepção de que o Esporte é um direito de todos.

A Chegada do Esporte Contemporâneo em 1976, durante a I Reunião de Ministros de Esporte (em Paris), ficou decidido que até o final da década a UNESCO se responsabilizaria pela publicação e divulgação de um documento com diretrizes efetivas para que governos e populações em geral se referenciassem nas questões relativas ao esporte, para um mundo melhor.

Esse documento foi a Carta Internacional de Educação Física e Esporte (UNESCO/1978).

Nessa Carta, logo no artigo primeiro, ficou o reconhecimento de que as práticas esportivas são direito de todas as pessoas. Esse pressuposto rompeu com a perspectiva anterior do Esporte Moderno de que o Esporte era uma prerrogativa dos talentos e anatomicamente indicados, isto é, fez o Esporte sair da perspectiva única do rendimento para a perspectiva do direito de todos às práticas esportivas.

Nesta nova perspectiva, o Esporte passou, na sua ampliada abrangência social, a compreender todas as pessoas, independentemente das suas idades e de suas situações físicas.

Depois da Carta da UNESCO, todos os documentos do Esporte (Carta Olímpica, Agendas, Conclusões de Congressos, Manifestos etc.) passaram a também reconhecer o direito de todos às práticas esportivas, defendendo a inclusão social no esporte.

2.1.2 O Esporte No Brasil

As práticas esportivas dos índios e primeiros colonizadores foram o arco-e-flecha, a natação, a canoagem, as corridas, a marcha e a equitação, todas caracterizadas pelo utilitarismo.

No Brasil imperial (1822-1889), o esporte ganhou espaço nas leis e decretos sobre Educação Física e Desportos, principalmente sobre a natação, a equitação e a esgrima. Nesse período, surgiu uma atividade física ligada à identidade cultural brasileira, a capoeira, que foi uma criação dos africanos no Brasil.

Também os pareceres de Rui Barbosa chamaram a atenção para os valores das atividades físicas e desportivas.

Os alemães, desde a segunda metade do século XIX, trouxeram a ginástica alemã, preconizada por Jahn, fundando sociedades de ginástica como a União de Ginástica Alemã, em São Paulo, em 1888, e a Sociedade Turnerbund, em Porto Alegre, em 1892.

Por sua vez, a Missão Militar Francesa, que chegou no início do século XX, teve influência decisiva na Educação Física e na orientação esportiva no País, tendo contribuído para a criação da primeira escola de Educação Física no Brasil, a da Força Pública de São Paulo, em 1909.

O principal esporte praticado no Brasil desde a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX foi o remo, sendo que vários clubes foram criados no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. No final do século XIX e início do século XX, foram introduzidos no Brasil a natação competitiva, o basquete, o tênis, o futebol e a esgrima.

O basquete teve como introdutor August Shaw, que, em 1898, trouxe dos Estados Unidos uma bola desse esporte, iniciando sua prática no Mackenzie College de São Paulo, em 1898, cabendo à Associação Cristã de Moços (ACM) difundir essa modalidade pelo Brasil.

O tênis iniciou suas atividades no Tennis Club Walhafa de Porto Alegre, em 1898. O futebol chegou ao Brasil em 1894 e teve como introdutores Charles Müller, Manuel Gonzales e Oscar Cox.

O primeiro clube de futebol do Brasil foi a Associação Atlética Ponte Preta de Campinas. O futebol, de início elitizado, teve um ponto de ruptura em 1922, com o Vasco da Gama, que com uma equipe de alguns negros chegou à primeira divisão do futebol do Rio de Janeiro.

2.1.3 A História Institucionalizada Do Esporte No Brasil.

A história institucional do esporte no Brasil teve início em 1937, quando, por intermédio da Lei nº 378 de 13/03/37, foi criada a DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA do Ministério da Educação e Cultura, que teve como diretores: Major João Barbosa Leite, Coronel Caio Mário de Noronha Miranda, Professor Alfredo Colombo, General Antônio Pires de Castro Filho, Coronel Genival de Freitas e Coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira.

Em 1970, a divisão foi transformada em DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS, ainda veiculada ao Ministério da Educação e Cultura, e teve como diretores: Coronel Eric Tinoco Marques e Coronel Osny Vasconcellos.

Na seqüência, em 1978, este departamento foi transformado em SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO, ainda ligado ao Ministério da Educação, e assim permaneceu até 1989.

Entre os secretários estão: Péricles de Souza Cavalcanti (79 a 85), Bruno Luiz Ribeiro da Silveira (85 a 87), Manoel José Gomes Tubino (fevereiro a março/87), Júlio César (março a dezembro/87), Alfredo Alberto Leal Nunes (janeiro/88 a fevereiro/89) e, por último, Manoel Gomes Tubino, novamente, até dezembro de 1989.

O então presidente Fernando Collor de Melo, em 1990, extingue a Secretaria ligada ao Ministério da Educação e cria a SECRETARIA DE DESPORTOS DA PRESIDÊNCIA DA

REPÚBLICA, cujos secretários foram os ex-atletas Arthur Antunes Coimbra - Zico (março/91 a abril/91) e Bernard Rajzman (abril/91 a outubro/92).

Após a saída do presidente Collor, o esporte voltou a ser vinculado ao Ministério da Educação, com a SECRETARIA DE DESPORTOS, tendo com secretários: Márcio Baroukel de Souza (1992 a 1994) e Marcos André da Costa Berenguer (1994 a 1995).

A partir de 1995, o esporte começa a ser mais priorizado. O presidente Fernando Henrique Cardoso criou o MINISTÉRIO DE ESTADO EXTRAORDINÁRIO DO ESPORTE, nomeando o ex-jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento - Pelé (1995 a 1998), cabendo à Secretaria de Desportos do Ministério da Educação, ainda sob a direção de Marcos André da Costa Berenguer, prestar o apoio técnico e administrativo.

Em março do mesmo ano, esta secretaria é transformada no INDESP - Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, desvinculado do MEC e subordinado ao Ministério Extraordinário do Esporte.

O instituto era dirigido, na ordem cronológica, por Joaquim Ignácio Cardoso Filho (janeiro a julho/95), Asfilófilo de Oliveira Filho (95 a 97), Prof. Ruthênio de Aguiar, interinamente (97 a 98), e Luiz Felipe Cavalcante de Albuquerque (98 a 99).

No dia de 31 de dezembro de 1998, foi criado o Ministério do Esporte e Turismo, pela Medida Provisória nº 1.794-8, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu segundo mandato. O INDESP passa a ser vinculado a este órgão.

O então deputado federal Rafael Grecca foi o primeiro a assumir a pasta (1999 e 2000), sucedido, em maio de 2000, por Carlos Carmo Melles (2000 a 2002). O instituto ficou sob a direção do Prof. Manoel Gomes Tubino (junho a outubro/99), tendo como sucessor Augusto Carlos Garcia de Viveiros(1999).

Em outubro de 2000, o INDESP é extinto e substituído pela SECRETARIA NACIONAL DE ESPORTE. O primeiro secretário foi José Otávio Germano (dezembro/2000 a fevereiro/2001).

Em seguida, foi nomeado Lars Schmidt Grael (2001 e 2002). Em março de 2002, o ministro do Esporte e Turismo passa a ser Caio Luiz Cibella de Carvalho, que ficou até dezembro do mesmo ano.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em janeiro de 2003, separou as duas pastas, ficando o esporte com um ministério próprio Agnelo Queiroz, então deputado federal, assumiu o então recém criado MINISTÉRIO DO ESPORTE em janeiro de 2003. Em 31 de março de 2006, deixou o cargo para candidatar-se ao Senado.

Quem assumiu o MINISTÉRIO interinamente foi o secretário executivo, Orlando Silva Júnior, o mais jovem ministro do Brasil, com 34 anos. Orlando Silva foi confirmado como ministro do Esporte no ano 2007, cargo que ocupou até o dia 26 de outubro de 2011. Antes de ocupar a pasta também exerceu o cargo de Secretário Nacional de Esporte e Secretário Nacional de Esporte Educacional.

No dia 31 de outubro de 2011 tomou posse ministro Aldo Rebelo. O titular da Pasta presidiu a Câmara dos Deputados entre 2005 e 2007 e foi ministro de Relações Institucionais em 2004 e 2005, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

2.2 O Esporte Escolar

O esporte é um fenômeno social que cada vez tem ganhado mais adeptos, independente de cor, raça, sexo ou crença, seja por lazer, saúde ou rendimento, a manifestação esportiva é frequentemente vista com bons olhos pela sociedade (BENTO, 2001).

Esta é tradicionalmente uma atividade considerada positiva na educação de crianças e jovens e sua presença nos estabelecimentos formais de ensino, assim como em projetos que procuram a inclusão social, é bastante conhecida e pouco questionada.

Disciplina, solidariedade e aprendizado de um modo geral e com as derrotas são valores sempre lembrados para destacar a importância das práticas esportivas na formação de crianças e jovens.

No estudo de Vaz, Albino E Torri, (2007) tem-se sobre o esporte escolar, outro modelo da presença do esporte nos ambientes escolares é o Esporte Escolar, oferecido a crianças e jovens por meio de aprendizagem e treinamento sistemáticos de uma ou mais modalidades esportivas, inclusive com a pretensão de desempenho em competições.

Trata-se de projeto em correspondência e/ou concorrência com a Educação Física Escolar, conforme as dimensões que a disciplina encontra na escola e de acordo com a carga simbólica que o esporte carrega – frequentemente ele é, na cultura escolar, considerado mais organizado e atraente, destinado aos ‘melhores’ e ‘mais talentosos’ alunos (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003).

Portanto temos que o papel de ofertar aos alunos o conhecimento e vivência de todos os esportes possível vem da escola.

“Dito de outra forma, a escola, por meio da Educação Física, mas não somente dela, absorve, interpreta e trabalham concepções e práticas corporais presentes em outros tempos e espaços da sociedade.” (VAZ, ALBINO E TORRI, 2007)

A finalidade do esporte escolar é, de acordo com O Ministério do Esporte, “o desenvolvimento integral do homem como ser autônomo, democrático e participante”. Frequentemente o que leva os jovens à prática esportiva são a influência dos pais e/ou técnicos ou professores.

Essa prática esportiva na adolescência aliada aos estudos pode tornar-se complicada, pois os jovens devem conciliar os treinamentos à vida de estudante e a demanda de ambos é, às vezes, conflitante (esportes e 9 escola na educação de jovens).

Portanto, é fundamental que todos os conteúdos acerca do esporte sejam tratados em aulas de educação física, para que o aluno possa ter conhecimento de tal contexto em um horário presente em sua grade curricular.

Se houver o interesse a partir da vivência propiciada pelo professor de educação física e a possibilidade de aliar estudos e rendimento, este caminho deve ser tomado.

A Educação Física escolar não está sendo desenvolvida de forma significativa com grande abordagem dos conteúdos. (GUERIERO, 2004).

Estes estão resumidos à prática desportiva, principalmente aos esportes coletivos como voleibol, basquetebol, handebol e futebol, o que limita a produção de conhecimento corporal e cultural do aluno.

Esse desenvolvimento de modalidades desportivas coletivas no âmbito escolar, como única forma de entendimento da Educação Física, pode gerar uma caracterização das aulas de Educação Física como treinamento desportivo.

Ao se deslocar o foco de análise para o esporte escolar não são raras as vezes em que a grande preocupação das escolas é ter equipes competitivas e isso se sobrepõe à intenção de ensinar o esporte para os alunos.

Dessa forma, qualquer proposta pedagógica é substituída por um determinado número de bolsas de estudo oferecidas a alguns poucos talentos, e as aulas de Educação Física transformam-se em “celeiros de atletas”. (KORSAKAS e DE ROSE, 2001).

O esporte escolar deve então cumprir, principalmente, sua proposta educacional não entrando em demandas que não lhe pertencem como o caso do rendimento.

Segundo Tani, (2007), tratando do papel da escola em relação à vivência do esporte temos que: “Posso ser chamado de louco ou de sonhador, mas continuo convencido de que a instituição mais apropriada para disseminar às pessoas conhecimentos, atitudes, valores e habilidades relacionadas com o desporto, para fomentar a sua prática ao longo da vida, visando ao bem estar, é a escola, mediante uma disciplina curricular denominada de Educação Física Escolar (EFE).

O conceito que Tani, (2007) traz sobre esporte escolar é que: Esporte Escolar por sua vez, visa a aprendizagem, ou seja, um processo contínuo de autoaperfeiçoamento em que o resultado é uma consequência desse processo e não o seu objetivo.

[...] Preocupa-se não apenas com seu potencial, mas também com suas limitações. No entanto é oportuno ressaltar que no EC, de tanto se preocupar com as limitações, cria-se uma falsa ideia de que neles todos têm de ser nivelados “por baixo” e ser medíocres em relação a competência motora.

É uma responsabilidade que a escola tem de promover o potencial individual dos alunos, independentemente do nível de habilidade em que se encontram “[...] Orienta-se para a generalidade, dando oportunidade de acesso a diferentes modalidades, ou seja, de explorar o patrimônio cultural da forma mais ampla possível.”. (p. 275, 276).

A partir destes conceitos é clara a importância do esporte na vida do indivíduo no que diz respeito à formação de seus valores, habilidades motoras, vivências, experiências.

É igualmente claro que o papel da escola é fundamental para o crescimento destas características em qualquer ser humano. Se a escola cumprir bem seu papel de disseminar o esporte de forma adequada, ampliam-se como consequência, as possibilidades de aumentar o contingente de pessoas para participar do desporto de rendimento (TANI, 2007).

Bento e Bento (2010) trazem “como argumento central a favor da presença da educação física e desportiva na escola o fato de ser a única disciplina que visa preferencialmente a

corporeidade”. E de ela constituir uma forma específica da relação do sistema educativo com o corpo.

“[...] A circunstância de o homem ter corpo e a função que este representa na estrutura de viver implicam que os alunos aprendam a lidar com ele e que se constitua em oportunidade de educação e formação” (p. 20).

Além de se tratar do esporte propriamente a educação física escolar tem como função a criação de valores pessoais, entendimento sobre a corporeidade, respeito com o próprio corpo e com os demais.

2.3 O Esporte De Rendimento

O esporte de rendimento é segundo a Lei 9615 “praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações”.

Um bom resultado nos esportes é sempre muito valorizado pela sociedade, principalmente quando a vitória se dá em competições de alto nível com intensa concorrência entre os participantes (PLATONOV, 2001) e isso causa um deslumbramento aos jovens que sonham com esse reconhecimento.

Marinho (2007) diz que: “[...] render significa tirar o maior proveito, dar o máximo, obter resultados, almejar a vitória, ser o melhor. O desporto de alto rendimento transcende a vertente da animalidade que nos compõe, criando homens que com o transcorrer dos tempos tornar-se-ão deuses no Olimpo.” (p. 233).

Na prática desportiva há toda uma preparação que é extremamente fundamental para o desenvolvimento das condições adequadas de rendimento do atleta dentro de sua especificidade (RIZOLA, 2003).

As preparações para as competições incluem uma mobilização funcional do organismo dos atletas, bem como desenvolvimento e estabilidade da capacidade psicológica e aperfeiçoamento da técnica e tática.

Marinho, 2007 considera o atleta que passa por este tipo de treinamento “o astro do alto rendimento e eleva-o a um estado de excelência de difícil aceção e entendimento”.

António Caeiro (2002) preconiza a excelência como uma, “[...] perseverança corajosa, um sopro de autenticidade, um projétil orientado para o alvo máximo do esplendor humano: a perfeição. Além da preparação física é preciso dispor ao praticante um acompanhamento psicológico para que ele possa estar preparado para as freqüentes mudanças fisiológicas e psicológicas que o treinamento intenso acarreta”. (p. 234).

“O atleta revê-se nessa demanda do auto conhecimento e constrói-se todos os dias, há todas as horas, há todos os minutos, em cada momento.

É indubitável esta construção de caráter e de dignidade que o levam” (MARINHO, 2007. p. 234). Esporte de alto nível, veiculada nas mídias em geral, representada por 12 pessoas executando gestos extremamente mecanizados, uniformes, com certo gasto de energia para produzir um determinado tipo de movimento repetidas vezes.

São gestos plásticos, muito organizados, moldados e com muitas regras, para que se possa obter algum resultado prático. (BARRETO, 2003).

Em resumo do esporte de rendimento Marinho (2007), diz que o atleta vive a competição de um modo distinto. Apesar do Recorde, da vitória e da medalha, o atleta pretender transcender-se e provar que toda a dedicação valeu a pena.

O seu nome, imorredouro, permanecerá gravado na pedra da existência, a sua atitude exemplar viverá na eternidade.

O atleta é um exemplo, fazendo transpirar valores e incitando ao melhoramento humano. O seu discurso deverá ser poético, ético e persuasivo, isto é, deverá contribuir para um ideal de excelência que deverá ser assimilado por todo ser humano.

Por isto tudo, a centelha divina que engrandece e eleva o desportista de alta competição, dá-lhe uma visão mais concisa do valor que o desporto representa no universo pessoal de cada um de nós.

“[...] O desporto do alto rendimento busca o rendimento, na tentativa de em nome da excelência alcançar o Panteão da Humanidade”.

Todo sacrifício que depositamos na coragem de se ser humanos representa um hino ao verdadeiro carácter transcendental do homem e de sua perpétua sagacidade.

Com o desporto a vida intensifica-se e ganha um novo significado, um novo alento, uma nova realidade.

“Nós, eternos devotos da Paidéia desportiva, caminhamos de mãos dadas com o desporto, contribuindo para a construção do ser-se humano de um modo mais íntegro e atingindo um estágio mais probo” (p. 243).

Rizola (2003), em sua tese de mestrado propõe um treinamento de equipes jovens de voleibol feminino na qual ele descreve que as jogadoras de alto rendimento realizam atividades físicas nos seus limites físico, social e comportamental.

Para ser um atleta de alto rendimento é preciso se dedicar muito e encarar toda rotina de treinamento com disposição, no período pré-competitivo o período necessário para uma boa preparação é de 8 semanas (WEINECK, 1999).

É importante então, que os jovens tenham consciência da realidade do meio esportivo de alto nível, estejam cientes de todas as responsabilidades e deveres que cabem a um atleta caso queiram optar por esse caminho.

3. O VOLEIBOL DO SEU CONTEXTO HISTÓRICO A REALIDADE BRASILEIRA

O Voleibol nasceu em Masschusets, nos Estados Unidos, no final do século XIX, no ano de 1895, criado pelo Americano William George Morgan, que trabalhava como diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM) daquela localidade.

No início, o primeiro nome dado ao este esporte, o qual acabaria se tornando um dos maiores do mundo foi *MINTONETTE*.

Com o intuito de implantar novas ideias na grade curricular, William G. Morgan, pensou inicialmente em ensinar o Basquetebol, um esporte que havia sido inventado a pouco tempo e que estava na moda, mas como este esporte era muito exigente nas condições físicas e de contato físico muito elevado, e a grande maioria de praticantes da Associação Cristã de Moços, eram mais velhas, tentou a princípio outro esporte, como está descrito no relato do próprio criador em primeira pessoa: (citação livro “o que é voleibol”)

“Na busca por um jogo apropriado a este público, me ocorreu então o Tênis. Entretanto seriam necessários, raquetes, bolas, uma rede e outros equipamentos, o que tornaria a prática inviável.

A ideia da rede no entanto não foi descartada. Erguemos, então, uma da altura de aproximadamente de seis pés e seis polegadas (1,98m) a partir do chão. Precisávamos de uma bola e, entre as candidatas, tentamos uma bexiga usada nos treinos de basquete. Só que ela se revelou muito leve, além de tornar o jogo lento.

Então recorremos à bola de basquete propriamente, obviamente muito grande e pesada para a prática” Como as tentativas com estes dois modelos de bola foram frustradas, William G Morgan solicitou à firma A.G. Spalding & Brothers a fabricação de uma bola para o referido esporte.

Com os elementos principais em conformidade, partiu-se para a formação dos conceitos básicos para a jogabilidade deste novo esporte, foram utilizados elementos de vários outros esportes, como handebol, basquete, tênis e basebol.

Com a ajuda de dois colegas elaborou dez regras para o *MINTONETTE*, como foi chamado inicialmente, sendo que seu objetivo principal era marcar pontos fazendo com que a bola tocasse no solo da quadra adversária.

A quadra continha as dimensões de 15,24 m de comprimento por 7,62 m de largura. A rede tinha a largura de 0,61 m. O comprimento era de 8,235 m, sendo a altura de 1,98 m (do chão ao bordo superior).

Inicialmente o novo Esporte era restrito somente na cidade de Holyoke e ao ginásio onde Morgan era diretor. Um ano mais tarde, numa conferência no Springfield's College, entre diretores de educação física dos EUA, duas equipes de Holyoke fizeram uma demonstração e assim o jogo começou a se difundir por Springfield e outras cidades de Massachusetts e Nova Inglaterra.

Logo depois que começou a ser difundida a revista **Physical Education** trouxe um pequeno comunicado sobre o novo e Entusiástico Esporte, falando sobre seus conceitos básicos e suas regras.

Com a excelente aceitação o nome foi mudado para Volley Ball, já que o intuito do jogo era jogar, lançar, fazer o voleio da bola com as mãos para a quadra adversária. Assim sendo o Volley Ball começou a ser difundido nas sedes da Associação Cristã de Moços (ACM) em todo Estados Unidos como uma atividade de recreação e lazer.

Depois de cinco anos a novidade já estava alcançando outros Países, como Canadá, onde alguns registros mostram atividades do Volley Ball por volta de 1900, sendo que depois outros Países, como na China, Japão (1908), Filipinas (1910), México adotaram o Esporte.

Na América do Sul, o primeiro país a conhecer o Volley Ball foi o Peru, em 1910, através de uma missão governamental que tinha a finalidade de organizar a educação primária do país.

Em 1918 a Associação Cristã de Moços resolveu adotar uma uniformidade para todas Equipes, já que em alguns Países até 16 atletas estavam formando uma equipe dentro de quadra.

Ficou-se definido que apenas 6 atletas poderiam estar em quadra e que seriam permitidos 3 toques por equipe antes da bola cruzar a rede.

Por volta de 1930, o Volley Ball foi introduzido nos Países do Leste Europeu, onde atingiu um elevado nível de competitividade, sendo que em 1933 a União Soviética promoveu seu primeiro campeonato nacional, já nesta época o esporte era largamente difundido e praticado naquele País.

O Alto desenvolvimento e difusão das regras e do Esporte vem diretamente ligado a enorme atuação da Associação Cristã de Moços em mais de 80 Países.

Antes da Segunda Guerra Mundial, o Volley Ball era visto como um Esporte praticado basicamente por mulheres e pessoas de meia idade, isto mostra o quanto foi importante os relatos mostrando que durante a segunda Guerra Mundial (1939-1945), muitos Comandantes estimulavam seus soldados a praticarem o Voley Ball, pois acreditam que além de elevar a moral, desenvolviam um enorme senso de Grupo e também viam como um esporte vigoroso de grande aceitação pelos Soldados.

Willian Morgan, que também ficou conhecido como "armário", graças ao seu grande físico, morreu em 27 de dezembro de 1942, aos 72 anos de idade.

Em 12 de fevereiro de 1946 foi fundada a Confederação Sul-Americana de Voleibol, a qual a primeira sede foi no Brasil, sendo seu Presidente o Brasileiro Célio Negreiros de Barros.

No ano seguinte, em 1947 foi criada a Federação Internacional de Volleyball, a FIBV, com um total de 14 países associados, Bélgica, Brasil, Egito, Estados Unidos, França, Países Baixos, Hungria, Iugoslávia, Itália, Polônia, Portugal, Romênia, Tchecoslováquia, Uruguai. Seu Primeiro Presidente foi o Francês Paul Libaud.

Nesta época a quadra passou a ter as dimensões que conhecemos hoje, 9 x 18m e a altura da rede estipulada da seguinte forma, Masculino 2,43m e Feminino 2,24m.

Em 1948, o primeiro Campeonato Europeu foi realizado em Roma, e vencido pela Tchecoslováquia. Já em 1949 foi realizado o Primeiro Campeonato Mundial Masculino em Praga, sendo que a União Soviética se sagrou Campeã, ela que se tornaria uma das maiores potências do voleibol.

O Mundial Feminino somente foi realizado em 1952 e novamente a União Soviética, mostrando sua força e se torna Campeã.

Com o grande número de adeptos pelo mundo, não seria difícil que o Volley Ball fosse incluído na programação dos Jogos Olímpicos, isto foi concretizado nos XVIII Jogos Olímpicos, realizados em 1964 em Tóquio, nas duas categorias.

Os Soviéticos no Masculino e o Japão no Feminino, levaram as Medalhas de Ouro, se tornando os Primeiros Campeões Olímpicos nesta Modalidade.

Com a inclusão nos Jogos Olímpicos o Volley Ball, que já era um esporte amplamente difundido pelo mundo, passou a ter mais visibilidade e conseqüentemente mais adeptos.

3.1 O Voleibol No Brasil

A chegada do Voleibol no Brasil gera algumas versões. A primeira delas é que o Voleibol teria sido em 1915 no Colégio Marista, outra seria um ano mais tarde, trazida pela Associação Cristã de Moços, e ainda temos que afirmar que o Voleibol já era praticado antes destas datas.

O que realmente se sabe é que o Primeiro Clube que realmente adotou o Voleibol como Modalidade foi o Fluminense em 1923, organizando no Rio de Janeiro um Torneio Aberto para os membros da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres.

Já em 1951, o Ginásio do Fluminense sediou o Primeiro Campeonato Sul-americano de Vôlei, e o Brasil, que contava com várias Equipes, se tornou Campeão nas duas Categorias, Masculino e Feminino.

O grande passo para o desenvolvimento do voleibol no Brasil, ocorreu com a fundação da Confederação Brasileira de Voleibol, CBV, no dia 16 de agosto de 1954, sendo seu primeiro presidente Denis Rupert Hathaway, um ex - atleta que teve seu mandato entre 14 de março de 1955 e 15 de fevereiro de 1957.

Com a força de sua fundação, a CBV começou a difundir e estimular o voleibol no Brasil, com promoção de cursos e incentivos para criação de escolinhas de voleibol.

Já no ano seguinte a sua fundação o Brasil viria a participar dos Jogos Pan-americanos, o qual colocaria pela primeira vez o Voleibol como Modalidade oficial.

Com este crescimento do Voleibol no Brasil, na década de 60 outros Clubes como Santos Futebol Clube e o Botafogo de Futebol e Regatas, formaram equipes e como no Futebol desta época se tornaram referência no Voleibol Nacional. Alguns atletas se destacaram em sua agremiações, tais como Quaresma, Urbano e Feitosa.

Em 1960 o Rio de Janeiro sediou o Mundial, no qual o Brasil conseguiu duas excelentes colocações para época, Quinto Lugar no Masculino e o Quarto Lugar no Feminino. Dez anos após a Criação da Confederação Brasileira de Voleibol, o Vôlei Brasileiro estaria representado na Olimpíada de Tóquio, a qual também seria a primeira que contaria com o Voleibol no programa Olímpico.

Com alguns problemas de estrutura por ainda ser formada por atletas amadores, a seleção viajou para esta estreia com apenas 10 atletas, dentre eles estava Carlos Arthur

Nuzman, que se tornaria Presidente da Confederação Brasileira de Voleibol e Atual Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro.

Grande parte do sucesso e evolução do Voleibol Brasileiro é creditado a ele, não só por suas ideias, mas principalmente suas iniciativas para que o voleibol no Brasil se tornasse reconhecido mundialmente.

Quando Assumiu a Confederação Brasileira de Voleibol em 1975, Carlos Arthur Nuzman, apostou em um planejamento a longo prazo e buscando parcerias com iniciativa privada conseguiu formar uma infraestrutura profissional para o Voleibol.

O Campeonato Brasileiro de Clubes surgiu em 1975, que veio substituir o Troféu Brasil de Clubes Campeões. Já no final da década de 70, início da de 80, Clubes como Pirelli, Atlântica Boavista e Supergasbrás, implantaram o regime profissional, o qual permitia que os atletas se dedicassem exclusivamente ao esporte, o que elevou o nível de competitividade do Voleibol Brasileiro.

Desde desenvolvimento marcante do Voleibol Brasileiro, na década de 80 surgiu uma geração que alavancou de vez o Brasil no cenário mundial do Vôlei, ela ficou conhecida como “Geração de Prata”.

A Seleção era comandada pelo experiente Bebeto de Freitas e composta por alguns dos melhores atletas que surgiram na época, Willian, Bernard, Renan, Xandó, Fernandão, Badalhoca, Montanaro, Amauri, Domingos Maracanã e Bernardinho, que se tornaria um dos técnicos mais vitoriosos e respeitado do voleibol mundial.

Dentre os vários títulos conquistados, o mais importante foi a Medalha de Prata na Olimpíada de 1984 em Los Angeles, perdendo a final para os Americanos por 3 x 0. Outro fato marcante desta geração foi o recorde de público numa partida a céu aberto, com 95.887 pagantes realizada no Estádio do Maracanã em 26 de julho de 1983 contra a Seleção da União Soviética.

Com o nível cada vez mais alto, e o Voleibol cada vez mais divulgado, surgiu em 1994 a Superliga, substituindo a Liga Nacional, que durou de 1988 a 1994, e com esta competição que no início só perdia para o Campeonato Italiano, o Voleibol no Brasil realmente se fixou no cenário nacional e internacional, tornando-se uma das seleções mais respeitada do cenário Mundial, tanto no masculino como no feminino.

Juntamente com a ascensão do Voleibol Brasileiro e conseqüentemente de nossas seleções, devemos destacar a atuação de dois técnicos, Bernardo Rocha de Rezende e José Roberto Guimarães, ambos ex-atletas de voleibol que comandaram ambas as seleções e que se confundem com as conquistas desta nova geração.

Zé Roberto, como é conhecido trabalhou com a seleção masculina de 1992 a 1996, onde conquistou a Medalha de Ouro nas Olimpíadas de Barcelona, uma Liga Mundial em 1993, um Bi Campeonato Sul-americano e subiu ao pódio mais três vezes na Liga mundial, no Feminino é Bi Campeão Olímpico, Pequim 2008 e Londres 2012, Heptacampeão Sul-americano e Nove Campeonatos do Grand Prix. José Roberto Guimarães é o único técnico ganhador da Medalha de Ouro Olímpica em ambos os Sexos, uma no Masculino e duas no Feminino.

Atualmente é técnico da Seleção Brasileira e da Equipe Feminina Hidone Barueri. Bernardo Rocha de Rezende, ou simplesmente Bernardinho, considerado o Técnico mais vencedor do Voleibol atual, foi atleta da Geração de Prata, sendo o substituto imediato do levantador Willian.

Em vinte e dois anos de uma carreira vitoriosa a frente de ambas as seleções nacionais, Bernardinho conquistou inúmeros títulos, começando pela Seleção Feminina onde foi Tri Campeão Grand Prix, Tri Campeão Sul-americano, Campeão Pan-americano e duas medalhas de Bronze Atlanta 1996 e Sydney 2000, nos 16 anos que esteve à frente da Seleção Masculino são inúmeras conquista, das quais posso citar, quatro Medalhas Olímpicas consecutivas, ouro

em Atenas 2004 e Brasil 2016, duas Medalhas de Prata Pequim 2006 e Londres 2012, oito títulos da Liga Mundial, dois Pan-americanos e oito Sul-americanos.

Atualmente é técnico da Equipe do Rio de Janeiro, tendo deixado o comando da Seleção Brasileira Masculina após a conquista da Medalha de Ouro na Olimpíada do Brasil. Não podemos deixar de citar as nossas Categorias de base Masculina e Feminina que estão em constante renovação e sempre figuram entre as principais Seleções de suas Categorias e Principalmente o Vôlei de Praia que está sempre com as principais duplas do Circuito Mundial e sempre trazendo Medalhas Olímpicas para o Brasil.

Até hoje as duplas Brasileiras já trouxeram no total 13 medalhas Olímpicas, sendo no Feminino 1 de ouro, 4 de prata, 2 de bronze e no Masculino 2 de ouro, 3 de prata e 1 de Bronze.

4. GÊNERO: A SUBVERSÃO DA ORDEM NO CONTEXTO ESPORTIVO

Neste capítulo a ênfase é debruçar sobre a análise da categoria de gênero como uma categoria para e propor um pensamento plural, que aponte as representações sociais e fuja dos argumentos biológicos e culturais da desigualdade, os quais sempre têm o masculino como ponto de partida. O esforço que se faz aqui é de ruptura com o pensamento dicotômico: feminino em oposição ao masculino; razão/sentimento; teoria/prática; público/privado, etc. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de diferentes classes, raças, religiões, idades, dentre outros, e estes antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de homem dominante e mulher dominada, ou identidades desviantes aos olhos da sociedade impregnada por esta dominação masculina.

4.1- Um Olhar Sobre A Construção De Genero.

È por meio das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser utilizado como diferente de *sex*. Visando "rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual", elas desejam acentuar, por meio da linguagem, "o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo" (Scott, 1995, p.72).

O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política. Ao dirigir o foco para o caráter "fundamentalmente social", não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.

Como diz Robert Connell (1995, p. 189), "no gênero, a prática social se dirige aos corpos". O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico".

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, na formas de representação.

O conceito passa a ser usado, então, com um forte apelo já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. Deste modo, ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens. Busca-se, intencionalmente, contextualizar o que se afirma *ou* se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalizadas a respeito da "Mulher" ou do "Homem".

Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando.

Afasta-se (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista *a priori*. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos.

Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. O que ocorre é, então, uma importante transformação nos Estudos Feministas transformação essa que não se faz sem intensas discussões e polêmicas.

Vale notar que, implicado lingüística e politicamente no debate anglo-saxão, o termo não poderia ser simplesmente transposto para outros contextos sem que sofresse, também nesses novos espaços, um processo de disputa, de ressignificação e de apropriação. Assim, no Brasil, será já no final dos anos 80 que, a princípio timidamente, depois mais amplamente, feministas passarão a utilizar o termo "gênero".

A característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de *papéis* masculinos e femininos. Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seu modo de se relacionar ou de se portar.

Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista.

Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser considerada no âmbito das interações face a face.

Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através

das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros.

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da *identidade* dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias.

Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. — constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse "empurrado em diferentes direções", como diz Stuart Hall (1992, p.4).

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o.

O sujeito *é* brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros.

Estas práticas e instituições "fabricam" os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são "generificados"— produzem-se, ou "engendram-se", a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc.).

É importante que notemos que grandes partes dos discursos sobre gênero de algum modo incluem ou englobam as questões de sexualidade (Mac An Ghail,1996). Antes de

avancarmos, no entanto, talvez seja importante tentar estabelecer algumas distinções entre gênero e sexualidade, ou entre identidades de gênero e identidades sexuais.

É verdade que, ao fazer isso, corremos o risco de cair numa esquematização, já que na prática social tais dimensões são, usualmente, articuladas e confundidas. Apenas mais recentemente alguns estudiosos e estudiosas estão buscando um refinamento nas análises, acentuando algumas distinções que podem ser importantes.

Ao longo de seus estudos, Jeffrey Weeks (1993, p. 6) afirma inúmeras vezes que "a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo". Compartilhando da posição de muitos outros estudiosos e estudiosas, ele fala da impossibilidade de se "compreender a sexualidade observando apenas seus componentes naturais, esses ganham sentido através de processos inconscientes e formas culturais" (p. 21).

Se Foucault foi capaz de traçar uma *História da Sexualidade* (1988), isso aconteceu pelo fato de compreendê-la como uma "invenção social", ou seja, por entender que ela se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normalizam, que instauram saberes, que produzem "verdades".

Observamos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem "viver seus desejos e prazeres corporais" de muitos modos (Weeks, apud Britzman, 1996). Suas *identidades sexuais* se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as.

Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas *identidades de gênero*. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente.

No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc).

O que importa aqui considerar é que tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.

Não é possível fixar um momento seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Deborah Britzman (1996, p. 74) afirma: *Nenhuma* identidade sexual — mesmo a mais normativa— é automática, autêntica, facilmente assumida; *nenhuma* identidade sexual existe sem negociação ou construção.

Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada.

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também se transformando na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe. Mais uma

observação a ser feita: algumas estudiosas e estudiosos (como Judith Butler) vêm sugerindo que usualmente pensamos e trabalhamos sobre gênero "numa matriz heterossexual".

Contudo, Butler (apud Mac An Ghail, 1996, p. 198) diz que...é crucial manter uma conexão não-causal e não redutiva entre gênero e sexualidade. Exatamente devido ao fato de a homofobia operar muitas vezes e através da atribuição aos homossexuais de um gênero defeituoso, de um gênero falho ou mesmo abjeto, é que se chama os homens gay de "femininos" ou se chama as mulheres lésbicas de "masculinas".

A homofobia, o medo voltado contra os/as homossexuais, pode se expressar ainda numa espécie de "terror em relação à perda do gênero", ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher "reais" ou "autênticos/as".

Por tudo isso, Judith afirma que é "crucial manter um aparato teórico que leve em consideração o modo como a sexualidade é regulada através do policiamento e da censura do gênero".

4.2 Desconstruindo E Pluralizando Os Gêneros

Ainda que gênero, enquanto categoria analítica passe a ser utilizado, com maior ou menor propriedade e ajustamento, no contexto de vários paradigmas teóricos, uma parte significativa das formulações produzidas pelas/os feministas atuais estabelece articulações entre essa conceptualização e algumas teorizações pós-estruturalistas.

Na verdade, seria difícil supor que movimentos contemporâneos (no caso, o feminismo e o pós estruturalismo, ambos se constituindo em meio à efervescência intelectual do final dos anos 60) deixassem de produzir efeitos mútuos e fossem capazes de se manter isolados.

Expressando-se de formas diversas, por vezes aparentemente independentes, feministas e pós-estruturalistas compartilham das críticas aos sistemas explicativos globais da sociedade; apontam limitações ou incompletudes nas formas de organização e de compreensão do social abraçadas pelas esquerdas; problematizam modos convencionais de produção e divulgação do que é admitido como ciência; questiona a concepção de um poder central e unificado regendo o todo social, etc.

As produções dos/as pensadores/as pós-estruturalistas e feministas terão, pois, pontos de contato, mesmo que sejam também evidentes algumas zonas de discordância ou atrito. Acentua-se e amplia-se, assim, o debate entre as/os estudiosas/os feministas, na medida em que a apropriação de *insights* ou conceitos pós-estruturalistas é assumida por algumas/alguns e rejeitada por outras/outros.

Entre as estudiosas mais conhecidas nesse campo está Joan Scott, historiadora norte-americana que escreve, em 1986, um artigo instigante: *Gender: a useful category of historical analysis*. Traduzido e divulgado no Brasil, o texto passa a ser utilizado amplamente por aquelas/es interessadas/os nas relações de gênero.

No entanto, as implicações teóricas da abordagem de Scott talvez tenham sido muitas vezes, observadas um tanto superficialmente, já que seu estudo serve de suporte a trabalhos marcados pelas mais diversas perspectivas (Louro 1995a).

Ela não esconde, entretanto, que toma de empréstimo alguns conceitos pós-estruturalistas, em especial elaborados por Michel Foucault e Jacques Derrida. Não nega, também, que, para uma historiadora social feminista, aproximar-se e apropriar-se de deturpações feitas no campo da Filosofia e da Teoria Literária foram difíceis.

Por tudo isso é possível compreender que as ideias que ela propõe tenham sido férteis e, ao mesmo tempo, perturbadoras. Um ponto importante em sua argumentação é a ideia de que é preciso *desconstruir* o "caráter permanente da oposição binária" masculino-feminino.

Em outras palavras: Joan Scott observa que é constante nas análises e na compreensão das sociedades um pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros; usualmente se concebem homem e mulher como polos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão.

Para ela seria indispensável implodir essa lógica. Scott não está sozinha nessas observações, outras estudiosas e estudiosos também apontam as limitações implícitas nessa rígida visão polarizada.

A base de algumas dessas argumentações pode ser encontrada em Jacques Derrida. Lembra esse filósofo que o pensamento moderno foi e é marcado pelas dicotomias (presença/ausência, teoria/prática, ciência/ideologia etc.). No "jogo das dicotomias" os dois polos diferem e se opõem e, aparentemente, cada um é uno e idêntico a si mesmo.

A dicotomia marca, também, a superioridade do primeiro elemento. Aprendemos a pensar e a nossa é tarefa simples. A proposição de *desconstrução* das dicotomias—problematizando a constituição de cada polo, demonstrando que cada um na verdade supõe e contém o outro, evidenciando que cada polo não é uno, mas plural, mostrando que cada polo é, internamente, fraturado e dividido — pode se constituir numa estratégia subversiva e fértil para o pensamento.

Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o polo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses polos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe *a mulher*, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras).

Por outro lado, essa eterna oposição binária usualmente nos faz equiparar, pela mesma lógica, outros pares de conceitos, como "produção-reprodução", "público-privado", "razão-sentimento", etc.

Tais pares correspondem, é possível imediatamente perceber, ao masculino e ao feminino, e evidenciam a prioridade do primeiro elemento, do qual *o outro se deriva*, conforme supõe o pensamento dicotômico.

Ora, é fácil concluir que essa lógica é problemática para a perspectiva feminista, já que ela nos "amarra" numa posição que é, aparentemente, conseqüente e inexorável. Uma lógica que parece apontar para um lugar "natural" e fixo para cada gênero.

A desconstrução trabalha contra essa lógica, faz perceber que a oposição é construída e não inerente e fixa. A desconstrução sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita.

Teresa de Lauretis (1986, p. 12), uma importante estudiosa feminista, lembra que o próprio "significado da diferença sexual" é colocado em termos de oposição ("natureza ou cultura, biologia ou socialização"), o que é um modo de compreensão que está muito próximo da conhecida expressão "anatomia-destino".

Há pouco avanço, segundo Teresa, em se dizer que a diferença sexual é cultural; o problema que permanece é o de conceber as diferenças (sejam elas consideradas culturais, sociais, subjetivas) "em relação ao homem — sendo ele a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado". A lógica dicotômica carrega essa idéia.

Em conseqüência, essa lógica supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um pólo dominante e outro dominado — e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos. O processo desconstrutivo permite perturbar essa idéia de relação de via única e observar que o poder se exercem várias direções.

O exercício do poder pode, na verdade, fraturar e dividir internamente cada termo da oposição. Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de "homem dominante versus mulher dominada".

Por outro lado, não costumam reafirmar que os grupos dominados são, muitas vezes, capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão, lugares de resistência e de exercício de poder. Uma das conseqüências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente.

A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma idéia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas.

Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito "gênero". Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária.

Vale notar que as críticas a tal concepção são também feitas por outras feministas que percebem o conceito como extremamente marcado por sua origem acadêmica, branca, de classe média.

Sendo assim, a menos que se desconstrua a polarização dos gêneros e se problematize a identidade no interior de cada pólo, se deixará de contemplar os interesses, as experiências e os questionamentos de muitas mulheres, como os das mulheres não-brancas e as lésbicas (bem como se deixarão de fora as diferentes formas de masculinidade).

"Paradoxalmente", como diz Teresa de Lauretis (1994, p. 209), "a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução". Ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança.

Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando. Sendo assim, é indispensável admitir que até mesmo as teorias e as práticas feministas com suas críticas aos discursos sobre gênero e suas propostas de desconstrução estão construindo gênero.

5. SEXUALIDADE E HOMOSSEXUALIDADE

Nesta sessão o objetivo principal é apontar como se dá historicamente o processo de entendimento das sociedades sobre sexualidade e quando surge a homossexualidade neste contexto e suas representações sociais.

Século XVII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso.

Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível.

Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo pelo nome. Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se, impõe o silêncio a Censura.

Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva.

É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração — e bastante rigorosa — do vocabulário autorizado. Pode ser que se tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora.

Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que

relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais.

É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva.

Ela se integra nessa política da língua e da palavra as redistribuições sociais da época clássica. Em compensação, no nível dos discursos e de seus domínios, o fenômeno é quase inverso. Sobre o sexo, os discursos — discursos específicos, diferentes tanto pela forma como pelo objeto — não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII.

Não penso tanto, aqui, na multiplicação provável dos discursos "ilícitos", discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente.

Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado.

Consideremos a evolução da pastoral católica e do sacramento da confissão, depois do Concílio de Trento. Cobriu-se, progressivamente, a nudez das questões que os manuais de confissão da Idade Média formulavam e grande número daquelas que eram correntes no século XVII.

Evita-se entrar nessa enumeração que, durante muito tempo, alguns, como Sanchez ou Tamburini, acreditaram ser indispensável para que a confissão fosse completa: posição respectiva dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, momento exato do prazer — todo um exame minucioso do ato sexual em sua própria execução.

A discricção é recomendada cada vez com mais insistência. Quanto aos pecados contra a pureza é necessária a maior reserva: "Essa matéria assemelha-se ao breu que, qualquer que seja a maneira de manuseá-lo, mesmo que para jogá-lo longe, ainda assim mancha e suja, sempre".

Mais tarde Alphonse de Liguori prescreverá começar — e parar — por, *L'Instruction du pénitent*, tradução, 1965, p. 301. 2 A. de Liguori, *Pratique des Confesseurs* (trad. francesa 1854), p. 140. P. Segneri, *loc. cit.* pp. 301-302. questões "desviadas e um pouco vagas",² ainda que fosse, eventualmente, para deter-se nelas, sobretudo com as crianças.

Mas, pode-se muito bem policiar a língua, a extensão da confissão e da confissão da carne não pára de crescer.

Pois a Contra-Reforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo.

Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência — em detrimento, talvez, de alguns outros' pecados — a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual.

O sexo, segundo a nova pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até às mais finas ramificações: uma sombra num devaneio, uma imagem expulsa com demasiada lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito.

Uma dupla evolução tende a fazer, da carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento mais importante do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular; pois que é um mal que atinge todo o homem e sob as mais secretas formas:

"Examinai, portanto, diligentemente, todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, a vontade.

Examinai, também, com exatidão todos os vossos sentidos. Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordados, não lhes teríeis dado o vosso consentimento ... Enfim, não creiais que nessa matéria tão melindrosa e tão perigosa, exista qualquer coisa de pequeno e de leve".

Esse discurso obediente e atento deve, portanto, seguir, segundo todos os seus desvios, a linha de junção do corpo e da alma: ele revela, sob a superfície dos pecados, a nervura ininterrupta da carne.

Sob a capa de uma linguagem que se tem o cuidado de depurar de modo a não mencioná-lo diretamente, o sexo é açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir obscuridade nem sossego. É aí, talvez, que pela primeira vez se impõe, sob a forma de uma constrição geral, essa injunção tão peculiar ao Ocidente moderno.

Não falo da obrigação de confessar as infrações às leis do sexo, como exigia a penitência tradicional; porém da tarefa, quase infinita, de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem, o mais frequentemente possível, tudo o que possa se relacionar com o jogo dos prazeres, sensações e pensamentos inumeráveis que, através da alma e do corpo tenham alguma afinidade com o sexo.

Este projeto de uma "colocação do sexo em discurso" formara-se há muito tempo, numa tradição ascética e monástica.

O século XVII fez dele uma regra para todos.

Dir-se-á que, de fato, só poderia se aplicar a uma elite mínima; a massa dos fiéis que só frequentavam a confissão raras vezes por ano escapava a prescrições tão complexas.

Sem dúvida, o importante é que esta obrigação era fixada, pelo menos como ponto ideal para todo bom cristão.

Coloca-se um imperativo: não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso.

Se for possível, nada deve escapar a tal formulação, mesmo que as palavras empregadas devam ser cuidadosamente neutralizadas.

A pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra.

A interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam muito bem ser apenas dispositivos secundários com relação a essa grande sujeição: maneiras de torná-la moralmente aceitável e tecnicamente útil.

A pastoral reformada, ainda que de um modo discreto, também estabeleceu regras de colocação do sexo em discurso. Este ponto será desenvolvido no próximo volume, *La Chair et le corps*.

Poder-se-ia traçar uma linha direta da pastoral do século XVII ao que veio a sua projeção na literatura e na literatura "escandalosa".

Dizer tudo, repetem os diretores espirituais: "não somente os atos consumados como também os toques sensuais, todos os olhares impuros, todas as palavras obscenas..., todos os pensamentos consentidos".⁵ Sade relança a injunção em termos que parecem transcritos dos tratados de direção espiritual:

"É preciso, nas narrativas, o maior e o mais extenso detalhamento; só podemos julgar o que a paixão que contaís tem de relativo aos costumes e às características do homem, na medida em que não disfarceis

A. de Liguori, *Préceptes sur le sixième commandement* (trad. 1835), p. 5. 6 D.A. de Sade, *Les 120 journées de Sodome*, éd. Pauvert I, pp. 130.140. 7 . An., *My secret Life*, reeditado por Grove Press, 1954.

Nenhuma circunstância; as menores circunstâncias servem aliás, infinitamente, ao que esperamos de vossas narrativas".

E no fim do século XIX o autor anônimo de *My secret Life* submete-se, ainda, à mesma prescrição; ele foi, sem dúvida, pelo menos em aparência, uma espécie de libertino tradicional; porém, essa vida que ele consagrara quase inteiramente à atividade sexual, teve a ideia de publicá-la com uma das mais meticulosas narrativas de cada um de seus episódios. Às vezes se desculpa, ressaltando sua preocupação em educar os jovens, tendo entretanto imprimido somente alguns exemplares desses onze volumes consagrados às menores aventuras, prazeres e sensações de seu sexo; é preferível acreditar quando ele deixa transparecer no texto a voz do puro imperativo:

"Eu conto os fatos como se produziram, tanto quanto posso lembrar-me deles; é só o que posso fazer"; "uma vida secreta não deve apresentar nenhuma omissão; não existe nada de que se deva ter vergonha..., nunca se pode conhecer demais a natureza humana".

O solitário da *Vida secreta* disse muitas vezes, para justificar a descrição das suas mais estranhas práticas, que elas eram certamente compartilhadas por milhares de homens na superfície da terra.

Porém, a mais estranha dessas práticas, que consistia em contá-las todas e em detalhe, e diariamente, era princípio depositado no coração do homem moderno já pelo menos há dois séculos. invés de ver nesse homem singular o foragido corajoso de um "vitorianismo" que o forçava ao silêncio, eu seria tentado a pensar que, numa época onde dominavam instruções, aliás bem prolixas, de discrição e de pudor, ele foi o mais direto representante e, de certa maneira, o mais inocente, de uma injunção plurisecular de falar do sexo.

Acidente histórico seriam de preferência os pudores do "puritanismo vitoriano"; em todo caso seriam uma peripécia, um refinamento, uma reviravolta tática no grande processo de colocação do sexo em discurso.

Melhor do que sua soberana, este inglês sem identidade pode servir como figura central na história de uma sexualidade moderna, que já se forma em grande parte com a pastoral cristã. Sem dúvida, em oposição a esta última, tratava-se, para ele, de majorar as sensações que experimentava pelo detalhamento do que dizia; como Sade, ele escrevia, no sentido estrito da expressão, "para seu exclusivo prazer"; mesclava cuidadosamente a redação e a releitura de seu texto com cenas eróticas, das quais eram ao mesmo tempo repetição, prolongamento e estimulante.

Mas, no final das contas, também a pastoral cristã procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, pelo simples fato de colocá-lo integral e aplicadamente em discurso: efeitos de domínio e de desinteresse, sem dúvida, mas também efeito de reconversão espiritual, de retorno a Deus, efeito físico de dores bem-aventuradas por sentir no seu corpo as ferroadas da tentação e o amor que lhe resiste.

O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo.

Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; mas, sobretudo, focalizou-se o discurso no sexo, através de um completo e de efeitos variados que não se pode esgotar na simples relação com uma lei de interdição.

Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia .

Essa técnica talvez tivesse ficado ligada ao destino da espiritualidade cristã ou à economia dos prazeres individuais, se não tivesse sido apoiada e relançada por outros mecanismos.

Essencialmente, por um "interesse público". Não uma curiosidade ou uma sensibilidade coletivas; não uma nova mentalidade.

Porém por mecanismos de poder para cujo funcionamento o discurso sobre o sexo — por razões às quais será preciso retornar — passou a ser essencial.

Mas, por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais.

Levar "em conta" o sexo, formular sobre ele um discurso que não seja unicamente o da moral, mas da racionalidade, eis uma necessidade suficientemente nova para, no início, surpreender-se consigo mesma e procurar desculpar-se.

De que maneira um discurso de razão poderia falar *disso*? "Raramente os filósofos encararam com segurança tais objetos, situados entre a repugnância e o ridículo, em relação aos quais seria preciso, ao mesmo tempo, evitar a hipocrisia e o escândalo".

E quase um século mais tarde, a medicina, de quem se poderia esperar ficasse menos surpresa com o que tinha de formular, ainda hesita no momento de dizer: "A sombra que envolve esses fatos, a vergonha e a repugnância que eles inspiram, sempre afastaram o olhar dos observadores.

Durante muito tempo hesitei em introduzir neste estudo o quadro Em francês *ça* (isso) designa também o Id, instância do aparelho psíquico segundo Freud.

No texto, o autor joga com o duplo sentido, ao mesmo tempo designando o sexo e aludindo ao Id. (N. do T.) 8 Condorcet, citado por J.-L. Flandrin, *Familles*, 1976. ulsivo...".

O essencial não são todos esses escrúpulos, o "moralismo" que revelam, ou a hipocrisia que neles podemos vislumbrar, mas sim a necessidade reconhecida de que é preciso superá-los.

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo.

O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. No século XVIII o sexo se torna questão de "polícia".

Mas no sentido pleno e forte que se atribuía então a essa palavra — não como repressão da desordem e sim como majoração ordenada das forças coletivas e individuais: "Fortalecer e aumentar, pela sabedoria dos seus regulamentos, a potência.

O interior do Estado e, como essa potência consiste não somente na República em geral, e em cada um dos membros que a compõem, mas ainda nas faculdades e talentos de todos aqueles que lhe pertencem, segue-se que a polícia deve ocupar-se inteiramente desses meios e fazê-los servir à felicidade pública.

Ora, ela só pode atingir esse objetivo através do conhecimento que possui dessas diferentes vantagens".

Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição. Alguns exemplos.

Uma das grandes novidades nas técnicas de poder, no século XVIII, foi o surgimento da "população", como problema econômico e político: população-riqueza, população mão-de-obra ou capacidade de trabalho, população em equilíbrio entre seu crescimento próprio e as fontes de que dispõe.

Os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um "povo", porém com uma "população", com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e de habitat.

Todas essas variáveis situam-se no ponto de intersecção entre os movimentos próprios à vida e os efeitos particulares das instituições: "Os Estados não se povoam conforme a progressão natural da propagação, mas em razão de sua indústria, de suas produções e das diferentes instituições. Os homens se multiplicam como as produções do solo e na medida das vantagens e dos recursos que encontram nos seus trabalhos".

No cerne deste problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecunda ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas — desses famosos "segredos funestos" que os demógrafos, na véspera da Revolução, sabem já serem conhecidos no campo.

É verdade que já há muito tempo se afirmava que um país devia ser povoado se quisesse ser rico e poderoso.

Mas é a primeira vez em que, pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não

apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo.

Passa-se das lamentações rituais sobre a libertinagem estéril dos ricos, dos celibatários e dos libertinos, para um discurso onde a conduta sexual da população é tomada, ao mesmo tempo, como objeto de análise e alvo de intervenção; passa-se das teses maciçamente populacionistas da época mercantilista, às tentativas de regulação mais finas e bem calculadas, que oscilarão, segundo os objetivos e as urgências, em direção natalista ou antinatalista.

Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico.

Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais — exortações morais e religiosas, medidas fiscais — tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada.

Os racismos dos séculos XIX e XX encontrarão nelas alguns de seus pontos de fixação. Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática.

Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram.

O mesmo ocorre com o sexo das crianças. Afirma-se frequentemente que a época clássica o submeteu a uma ocultação da qual só se liberou com os *Três Ensaio*s e com as benéficas angústias do pequeno Hans.

É verdade que desapareceu a antiga "liberdade" de linguagem entre crianças e adultos, ou alunos e professores. Nenhum pedagogo do século XVII teria, publicamente, como Erasmo o fez nos seus *Diálogos*, aconselhado seu discípulo na escolha de uma boa prostituta.

E desapareceram progressivamente os risos estrepitosos que, durante tanto tempo, tinham acompanhados a sexualidade das crianças e, ao que parece, em todas as classes sociais. Mas isso não significa um puro e simples silenciar.

Não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos.

O próprio mutismo, aquilo que se recusa dizer ou que se proíbe mencionar, a discrição exigida entre certos locutores não constitui propriamente o limite absoluto do discurso, ou seja, a outra face de que estaria além de uma fronteira rigorosa mas, sobretudo, os elementos que funcionam ao lado de (com e em relação a) coisas ditas nas estratégias de conjunto.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos.

Consideremos os colégios do século XVIII. Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí, praticamente não se fala em sexo.

Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicas, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo. Os construtores pensaram nisso, e explicitamente.

Os organizadores levaram-no em conta de modo permanente. Todos os detentores de uma parcela de autoridade se colocam num estado de alerta perpétuo: reafirmado sem trégua pelas disposições, pelas precauções tomadas, e pelo jogo das punições e responsabilidades.

O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separações, com ou sem cortina), os regulamentos elaborados para a

vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças.

O que se poderia chamar de discurso interno da instituição — o que ela profere para si mesma e circula entre os que a fazem funcionar — articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente. Mas ainda há mais: o sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII — e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral — um problema público. Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades.

"Haverá sempre, durante as horas de aula e de estudo, um mestre de estudo vigiando o exterior para impedir que os alunos, que saiam para suas necessidades, se detenham e se reúnam. . Após a oração da noite, os alunos serão reconduzidos ao dormitório onde os mestres os farão deitar.

Os mestres só poderão deitar-se após estarem certificados que cada aluno está em seu leito. Os leitos serão separados por anteparos de dois metros de altura. Os dormitórios serão iluminados durante a noite. Também para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes.

Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e seu sexo, Com Basedow e o movimento "filantrópico" alemão, essa colocação do sexo adolescente no discurso assume amplitude considerável.

Saltzmann chega, até, a organizar uma escola experimental cuja característica particular consistia num controle e numa educação sexual tão bem pensados que nela o pecado universal da juventude nunca deveria ser praticado.

E em todas essas medidas a criança não deveria ser apenas um objeto mudo e inconsciente de cuidados decididos exclusivamente entre adultos; impunha-se-lhe um certo discurso razoável, limitado, canônico e verdadeiro sobre o sexo — uma espécie de ortopedia discursiva.

A grande festa organizada no *Philanthropinum*, no mês de maio de 1776, pode servir de exemplo. Aí ocorreu a primeira comunhão solene do sexo adolescente com o discurso racional, sob a forma mesclada de exame, de jogos florais, de distribuição de prêmios e de conselho disciplinar.

Para mostrar o sucesso da educação sexual ministrada aos alunos, Basedow convidara o que a Alemanha possuía de eminente (Goethe fora um dos poucos a declinar do convite). Diante do público reunido, um dos professores, Wolke, formulou aos alunos questões selecionadas sobre o mistério do sexo, do nascimento, da procriação: levou-os a comentar gravuras que representavam uma mulher grávida, um casal, um berço.

As respostas foram esclarecidas, sem embaraço nem vergonha. Nenhum riso indecoroso veio perturbá-las — salvo, justamente, da parte, de um público adulto bem mais infantil do que as próprias crianças e ao qual, Wolke repreendeu severamente.

Finalmente, foram aplaudidos os meninos rechonchudos que, diante da gente grande trançaram com destreza as guirlandas do discurso e do sexo. Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes.

Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu, falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais.

Ou então, falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos

ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa — tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso.

A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas.

É possível que se tenha escamoteado, aos próprios adultos e crianças, certa maneira de falar do sexo, desqualificada como sendo direta, crua, grosseira. Mas, isso não passou da contrapartida e, talvez da condição para funcionarem outros discursos, múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder.

Poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo.

Inicialmente, a medicina, por intermédio das "doenças dos nervos"; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar — do lado da "extravagância", depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das "fraudes contra a procriação", a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes "crapulosos" e antinaturais, mas que, aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca montagem, das perversões sem importância, enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo — tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos,

intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele.

Num dia de 1867, um trabalhador agrícola da aldeia de Lapcourt, de espírito um tanto simples, empregado sazonalmente de um canto ao outro, alimentado aqui e acolá por um pouco de caridade e pelo pior dos trabalhos, morando em granjas ou estábulos, sofre uma denúncia: nas fímbrias de um roçado, havia obtido algumas carícias de uma menina, como já havia feito, como tinha visto fazer, como faziam em volta dele os moleques da aldeia; é que na orla do bosque ou nas valas da estrada que leva a Saint-Nicolas, brincava-se familiarmente de "leite coalhado".

Ele foi, portanto, delatado pelos pais ao prefeito da aldeia, denunciado pelo prefeito à polícia, por esta apresentado ao juiz, inculcado por este e submetido inicialmente a um médico, depois a dois outros peritos que, após elaborarem seu relatório, publicam-no.¹⁴ O que é importante nesta história?

Seu caráter minúsculo: que o cotidiano da sexualidade aldeã, os ínfimos deleites campestres tenham podido tornar-se, a partir de um certo momento, o objeto não somente de uma intolerância coletiva, mas de uma ação judiciária, de uma intervenção médica, de um atento exame clínico e de toda uma elaboração teórica.

O importante está em que dessa personagem comum, até então parte integrante da vida camponesa, se tenha tentado medir a caixa craniana, estudar a ossatura facial e inspecionar a anatomia, na busca de possíveis sinais de degenerescência; que o fizessem falar; que o interrogassem sobre seus pensamentos, gostos, hábitos, sensações, juízos.

E que se decidisse, finalmente, isentando-o de qualquer delito, fazer dele um puro objeto de medicina e de saber — a ser enfiado, até o fim de sua vida, no hospital de Maréville, mas a ser revelado ao mundo científico através uma análise detalhada. Pode-se ter por certo

que, na mesma época, o professor primário de Lapcourt tenha ensinado às crianças da aldeia a policiar a linguagem e a não mais falar de todas essas coisas em alta voz.

Mas, tratava-se, sem dúvida, de algumas. Condições para que as instituições de saber e de poder pudessem encobrir esse pequeno teatro do dia-a-dia com seu discurso solene.

Nestes gestos sem idade, nesses prazeres pouco mais que furtivos, que os simples de espírito trocavam com as crianças espertas, foi que nossa sociedade — sem dúvida, a primeira na história — investiu todo um aparelho de discurso, de análise e de conhecimento.

Entre o inglês libertino, que se obstinava em escrever para si mesmo as singularidades de sua vida secreta, e seu contemporâneo — esse bobo da aldeia que dava alguns vinténs às meninas em troca de carícias que as maiores lhe recusavam existe, sem dúvida, alguma relação profunda: de um extremo a outro o sexo se tornou, de todo modo, algo que se deve dizer, e dizer exaustivamente, segundo dispositivos discursivos diversos, mas todos constrangedores, cada um à sua maneira.

Confidência sutil ou interrogatório autoritário, o sexo, refinado ou rústico, deve ser dito. Uma grande injunção polimorfa submete tanto o inglês anônimo como o pobre camponês da Lorena, que a história quis que se chamasse Jouy. O nome presta-se ao trocadilho com o verbo *jouir* (em francês: gozar).

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular.

Desenfurnam-no e obrigam-no a uma existência discursiva. Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismos que, na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam,

extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou.

Talvez nenhum outro tipo de sociedade jamais tenha, e num período histórico relativamente tão curto, tal quantidade de discurso sobre o sexo.

Pode ser, muito bem, que falemos mais dele do que de qualquer outra coisa: obstinamo-nos nessa tarefa; convencemo-nos por um estranho escrúpulo de que dele não falamos nunca o suficiente, de que somos demasiado tímidos e medrosos, que escondemos a deslumbrante evidência, por inércia e submissão, de que o essencial sempre nos escapa e ainda é preciso partir à sua procura.

No que diz respeito ao sexo, a mais inexaurível e impaciente das sociedades talvez seja a nossa. Mas esta primeira abordagem mostra tratar-se menos de *um* discurso sobre o sexo do que de uma multiplicidade de discursos, produzidos por toda uma série de mecanismos que funcionam em diferentes instituições.

A Idade Média tinha organizado, sobre o tema da carne e da prática da confissão, um discurso estreitamente unitário.

No decorrer dos séculos recentes, essa relativa unidade foi decomposta, dispersada, reduzida a uma explosão de discursividades distintas, que tomaram forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral, na crítica política.

. E mais: o sólido vínculo que vinculava a teologia moral da concupiscência à obrigação da confissão (o discurso teórico sobre o sexo e sua formulação na primeira pessoa), foi rompido ou, pelo menos, distendido e diversificado: entre a objetivação do sexo nos discursos racionais e o movimento pelo qual cada um é colocado na situação de contar seu próprio sexo produziu-se, a partir do século XVIII, toda uma série de tensões, conflitos, esforços de ajustamento, e tentativas de retranscrição.

Não é, portanto, simplesmente em termos de extensão contínua que se deve falar desse acréscimo discursivo; ao contrário, deve-se ver aí a dispersão dos focos de onde tais discursos são emitidos, a diversificação de suas formas e o desdobramento complexo da rede que os une.

Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo; para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz.

Em torno do sexo toda uma trama de variadas transformações em discurso, específicas e coercitivas? Uma censura maciça a partir das decências verbais impostas pela época clássica? Ao contrário, há uma incitação ao discurso, regulada e polimorfa.

Objetar-se-á, sem dúvida que, se para falar do sexo foi necessário tanto estímulo e tanto mecanismo coercitivo é porque reinava, globalmente, certa interdição fundamental: somente necessidades precisas — urgências de natureza econômica, utilidades políticas — poderiam suprimir essa interdição e possibilitar alguns acessos ao discurso sobre o sexo, mas sempre limitados e cuidadosamente codificados; falar tanto de sexo, organizar tantos dispositivos insistentes para fazer falar dele, mas sob estritas condições, não é prova de que ele permanece secreto e que se procura, sobretudo, mantê-lo assim?

Não obstante, seria preciso interrogar justamente esse tema tão frequente de que o sexo está fora do discurso e que somente a suspensão de um obstáculo, a quebra de um segredo pode abrir o caminho que conduz até ele.

Esse tema não seria parte da injunção que suscita o discurso? Não seria para incitar a falar, para sempre levar a recomençar a falar nesse tema que, nas fronteiras de todo discurso atual, ele é exibido como o segredo que é indispensável desencavar — uma coisa abusivamente reduzida ao mutismo, ao mesmo tempo difícil e necessária, preciosa e perigosa de ser dita?

É preciso não esquecer que a pastoral cristã, fazendo do sexo aquilo que, por excelência devia ser confessado, apresentou-o sempre como enigma inquietante: não o que se mostra obstinadamente mas o que se esconde em toda a parte, presença insidiosa que se corre o risco de se ouvir porque fala em voz tão baixa e muitas vezes disfarçada.

O segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo — quer tentem quebrá-lo quer o reproduzam de forma obscura, pela própria maneira de falar.

Trata-se, ao contrário, de um tema que faz parte da própria mecânica incitações: maneira de dar forma à exigência de falar, fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre o sexo.

O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo.

5.1 A História Da Homossexualidade

A história da homossexualidade não pode ser narrada a partir das aventuras e desventuras sexuais dos gregos, hebreus ou qualquer outro povo da antiguidade, pois nessas sociedades não havia “homossexuais”. Esses são filhos da modernidade. Sua gênese, muito longe de remontar sua origem, nos direciona para os confusos séculos XVIII e XIX e todas as tramas de um novo projeto de sociedade moderna que eram tecidas pela burguesia em ascensão.

Neste sentido, este trabalho visa evidenciar a emergência do discurso da homossexualidade na modernidade e, conseqüentemente, o surgimento de sujeitos homossexuais, levando em consideração a estreita relação entre verdade e poder.

No entanto, antes de qualquer coisa, cabe uma ressalva, pois dar os créditos aos tempos modernos pela invenção do homossexual, não é a mesma coisa que dizer que foi a lógica moderna que inventou a prática sexual e o amor pelo mesmo sexo, visto que é sabido por todos que muitos homens e mulheres já se entregavam a esses prazeres muito antes de qualquer registro histórico.

Todavia, tal proposição parte da compreensão de que é na era moderna que se estabelece uma categoria de indivíduos dita como “homossexual” e é essa concepção que nos chega até hoje, notadamente no discurso das instituições sociais ou pela fala e uso que os ditos “homossexuais” fazem ao se apropriar dela.

No entanto, antes de adentrarmos mais nessa estruturação da sociedade moderna, é importante ressaltar que esse incômodo com o sexo entre os iguais não foi apenas uma virtude dos burgueses, nem surge com a doutrina cristã. Anteriormente a isso, mesmo não havendo a categoria homossexual na Grécia Antiga, os gregos também atentavam para o uso desses prazeres. Antes de qualquer coisa, torna-se necessário explicar que preocupação era essa.

Ao analisar como se davam as relações sexuais entre homens e rapazes na Grécia Antiga, Foucault percebe certa inquietação por parte dos filósofos no que diz respeito a essa prática.

As relações de poder e produção de verdade que se estabeleciam na antiguidade não criavam um interdito para o amor entre aqueles do mesmo sexo, pelo contrário, era através das instituições, lugar reservado para o exercício de poder e produção de saber –que essas práticas encontravam sua principal base de sustentação social.

Entretanto, cabe ressaltar, que mesmo não havendo linhas de forças na Grécia Antiga que separassem os amantes do mesmo sexo dos que amavam o sexo diferente, o amor não era tão livre, como poderia aparentar, entre os gregos.

Em consonância com Foucault, o ato sexual “privilegiado” pela moral grega entre dois homens era aquele que envolvia um parceiro mais velho, com sua formação completa e supostamente na posição de ativo no ato sexual, com um mais jovem, ainda em formação e sem *status* definido na sociedade.

Outro tipo de relação sexual que envolvesse dois homens maduros poderia levantar suspeita acerca das posições sexuais, supostamente presumiriam que um deles seria passivo. Desse modo, a antiguidade grega também possuía seus desviantes, visto que “onde há poder, há resistência.” Essa desvalorização da passividade sexual do homem não é uma especificidade dos antigos gregos.

Para o historiador estadunidense William Naphy, a maioria das culturas antigas aceitava as relações sexuais de um homem com outro, no entanto, entendia que se um desses assumisse uma posição passiva tornava-se depois disso menos homem, exceto se o parceiro passivo fosse um adolescente.

Essa constatação não deve servir para se pensar a homossexualidade em termos da sua tolerância ou intolerância ao longo da história, antes ela é esclarecedora para se definir uma linha espacial e temporal que não permite pensar a homossexualidade a não ser a partir dos séculos XVIII e XIX. Neste sentido, torna-se imprescindível analisar essa irrupção da modernidade, sua produção de verdade e práticas de poder.

Poder é relação de forças e se distribui em rede. Portanto, não há um lugar do poder e nada está isento de poder. Se não há um lugar do poder, não pode haver um lugar da resistência. As lutas são formas de resistência na própria rede de poderes.

Assim como o poder, a resistência se distribui, como uma rede, em pontos móveis e transitórios, em toda a estrutura social. Seria possível ao indivíduo, como produto do poder, resistir ao que o constitui.

Portanto, se, por um lado, o poder é uma relação de forças com outras forças, por outro, a subjetivação é uma relação de forças consigo mesmo.

A partir disso, Foucault, formulando uma “estilística da existência”, tratará das possibilidades de vida capazes de resistir ao poder e de se beneficiar do saber (RODRIGUES, 1998). Portanto, embora não possua uma cultura política “constituída”, a homossexualidade toca o político.

Tem que tocá-lo, na medida em que, o homossexual, surgindo como sujeito específico, com uma novidade idiossincrática, no plano das sociedades modernas, quer se afirmar enquanto um elemento social na luta pelos seus direitos civis, sociais e políticos.

E a expansão de tal expressão social caminha integrada no jogo político da democracia, apoiando-se nele e por meio dele, e em muitos casos, assumindo uma postura comumente identificada como de “esquerda”, para a efetivação de suas conquistas em direção à justiça social, à cidadania e à integração (ou não) na sociedade.

“Que o cultural prepara o terreno do político aparece desde já como uma evidência de que alguns retiraram estratégias.” (BERSTEIN, 1998, p. 357).

Procurando um possível vetor pelo qual passa a integração de uma cultura (subcultura?) que “toca o político”, como acredito que seja o caso da expressão da homossexualidade, aposto na longa historiografia que tenta traduzir para a modernidade o fenômeno da relação homoerótica dos antigos gregos, fazendo deste fenômeno uma espécie de espelho no qual deve refletir modelos e contra modelos históricos, que podem se tornar ou artefatos para usos políticos ou referências iluminadoras para se pensar e exprimir a homossexualidade em seu locus original, a modernidade.

Podemos estabelecer como ponto de partida do movimento que, doravante, colocará a homossexualidade num embate político contra a sua repressão e na concomitante busca de sua identidade a passagem do século XIX para o XX, momento em que ocorrem perseguições e

procedimentos jurídicos, tais como o processo Eulemberg, em 1907, na Alemanha; o processo Oscar Wilde, em 1895, na Inglaterra, e os inquéritos contra a homossexualidade na marinha dos Estados Unidos a partir de 1919.

Inicia-se, então, neste período, um procedimento de patologização da homossexualidade, com grande ênfase na sua abordagem clínica, considerada “científica”.

Dois vetores despontam: O primeiro, favorável à homossexualidade, na Alemanha, tendo Magnus Hirschfeld (1868-1925) à frente, culminou na criação do Instituto de Promoção Humanitária, em 1897, em Berlim, e no jornal *Der Eigene*, primeiro periódico voltado exclusivamente para um público homossexual.

Esse grupo de simpatizantes, valendo-se largamente do clima permissivo da cidade de Berlim sob a República de Weimar (1919-1933), elaborou um complexo sistema de interpretações e, principalmente, de intervenção social na defesa de homossexuais.

Mas, dividido por querelas interpretativas sobre a natureza da homossexualidade e dos diversos modos de vida dos homossexuais, o movimento deu origem a três grupos distintos, um dos quais, os cultores do amor grego, ou *Vênus urânica*, voltados para o culto, platônico ou não, de jovens e adolescentes (os “efebos”).

No segundo vetor, passava-se da caracterização moral (a condenação como depravação e pecado) para a busca de uma causa médica da homossexualidade – física ou psíquica – e sua conseqüente cura ou controle, até a sua exterminação física (uma abordagem cientificista da homossexualidade).

Nesta teoria, formulou-se a tese básica do trauma original: a sedução e o intercuroso homossexual, enquanto primeira experiência sexual do indivíduo, marcariam para todo o sempre o seu comportamento, originando-se, no trauma inicial, a homossexualidade.

Num clima político que misturava eugenismo, nacionalismo e racismo, a tese justificou inúmeros procedimentos de normalização, uma vigilância redobrada sobre os

meninos e os que tivessem acesso a eles, desencadeou uma repressão policial nas décadas subsequentes e o pânico devido à possível propagação dos homossexuais na sociedade.

Assim, a homossexualidade foi definida como ameaça ao Estado e ao bem-estar da comunidade nacional, devendo ser controlada ou exterminada (SILVA, 2000, p. 239-240).

Para este período, podemos pensar em duas ordens de fontes: as obras de Oscar Wilde, principalmente, talvez, *O Retrato de Dorian Gray* (WILDE, 2000), e as referências aos cultores do amor grego do Círculo de Berlim. A partir da década de 1920, o Fascismo viu-se – para efeito de credibilidade – obrigado a eliminar de suas fileiras os homossexuais, ainda que, desde as suas origens, o movimento fascista se identificasse com organizações que mantinham algum tipo de vínculo ou utopia homossexual, de nítido caráter falocrata e misógino.

O “efebismo” filo-helênico e o virilismo, com seu elogio caricato aos aspectos visuais mais marcantes da masculinidade, chegando-se mesmo à construção de um tipo, o homem fascista, como um cabide de caracteres sexuais masculinos exacerbados, acabaram por ter guarida nas fileiras fascistas.

A ambiguidade é gritante: com o rompimento entre Hitler e Ernst Röhm, deu-se a execução de inúmeros líderes nazistas das SA na chamada Noite das Longas Facas. Uso medonho do efebismo pela estética e moral nazifascistas.

A partir deste episódio, a homossexualidade será alçada ao nível de preocupação permanente do Estado nazista.

Descrente dos métodos médicos, embora prossiga com cruéis pesquisas médicas, como na clínica Virchow e nos campos de concentração, o nazismo irá iniciar uma terrível campanha de extermínio, dirigida pela Gestapo e pelas SS, sob o comando, em especial, de Heinrich Himmler.

Embora tenha procurado exterminar da sociedade – e de suas fileiras – a homossexualidade, o fascismo manteve uma profunda ambiguidade até o seu final, gerada em

boa parte na cultura machista, misógina e falocrata das associações masculinas do período weimariano: a estética fascista valoriza um poderoso viés virilista e falocrata expresso na escultura, na pintura ou mesmo na literatura (SILVA, 2000).

No pós-guerra surge uma outra tentativa de descrever a homossexualidade, retomando-se agora Freud. Nesta perspectiva, a homossexualidade começou a ser tratada como “desvio” e não mais como “doença”.

Portanto, duas correntes desenvolveram-se neste período: um grupo voltado para a cura e um grupo interessado no alívio da dor psíquica decorrente da inadequação entre preferência sexual e cultura (SILVA, 2000).

Principalmente a partir da década de 1940, um longo e rico debate sobre o “homoerotismo” ateniense clássico permeou a historiografia da sexualidade. Podemos encontrar em sua construção diversas abordagens, com múltiplos propósitos.

No final do século XX delineiam-se duas abordagens principais: o “essencialismo” e o “construcionismo”. Desde Henri-Irenée Marrou, na década de 1940, passando por Werner Jaeger, Felix Buffière, Kenneth J. Dover, Michel Foucault, Bernard Sergent, John Boswell, Paul Veyne, Catherine Salles, Jacques Mazel, Claude Calame, Jan Bremmer, entre outros, até a constituição da abordagem “construcionista” (DAVID M. HALPERIN, JOHN J. WINKLER, JEAN-PIERRE VERNANT, NICOLE LORAUX) e as recentes teses de Martin F. Kilmer e de Keith DeVries, ainda na década de 1990, o caminho é longo e amplo em debates.

Em sua obra *História da Educação na Antiguidade* da década de 1940, Marrou manteve uma abordagem prudente e embaraçosa no que diz respeito a esse aspecto do helenismo.

Ele negou para a relação Erastes/Eromenos qualquer caráter erótico, reduzindo-a, a despeito dos textos e das imagens, “a uma camaradagem masculina, militar ou pedagógica,

que somente condições excepcionais e a fraqueza da carne podiam transformar num corpo-a-corpo ilícito” (SARTRE, 1999, p. 5).

Naquele momento, como vimos, época de extraordinário autoritarismo e extremado conservadorismo, fortes interdições pesavam sobre a homossexualidade no mundo ocidental, justificando, em parte, a superficialidade das análises e as concepções de Marrou.

A situação permaneceu assim até a liberalização dos costumes, nos Estados Unidos e na Europa, nos anos 1960/70, período em que se inicia uma revisão radical dos conhecimentos e das concepções sobre o homoerotismo ateniense clássico.

Entre 1967 e 1969, em cidades como Nova Iorque, Amsterdã ou Berlim, ocorre uma revolta libertária por parte dos homossexuais, transformada em grande parte em uma revolução comportamental, contra o preconceito e a repressão.

Assumia-se a condição homossexual como um desafio político perante a família e o Estado, identificados com a repressão social.

O uso do corpo assumia as feições de uma arma contra a ordem. Em 26 de junho de 1969, ocorre o episódio da Christoph Street, no Greenwich Village, em Nova Iorque, que acaba por originar a parada do orgulho gay.

Neste dia, a polícia de Nova Iorque invade o Stonewall In, um Queer Bar, um bar misto com grande frequência de trabalhadores pobres, inclusive latinos, gays e travestis.

Após as habituais humilhações, o público reage e degenera em luta de rua, com importante participação dos travestis.

Depois de vários dias de luta nas ruas de Greenwich Village homossexuais resolvem organizar uma luta permanente contra o preconceito e a humilhação.

Neste processo, gays, mulheres e negros caminharam juntos, assumindo uma postura de “esquerda” (SILVA, 2000).

Foi nesse clima que Buffière efetuou uma análise “[...] de uma abundante poesia erótica masculina pouco equívoca em suas descrições e muito precisa quanto à evocação do prazer dos amantes” (SARTRE, 1999, p. 5) no seu *Eros adolescent: la pédérastie dans la Grèce antique*. Dover, em sua obra

A Homossexualidade na Grécia Antiga, fez um grande estudo lexical e iconográfico, da prostituição masculina e da legislação na Atenas clássica, evidenciando a real amplitude das relações eróticas entre homens.

Assim caía um tabu implícito, pois Kenneth Dover sublinhava ao mesmo tempo a frequência do fenômeno pederástico e a dimensão sexual das relações amorosas, que iam além da amizade viril de companheiros de caserna ou do vínculo privilegiado de ordem pedagógica, mais espiritual que carnal. (SARTRE, 1999, p. 5).

Faltava ainda, no entanto, uma análise que explicasse o “homoerotismo” ateniense clássico, já que tanto Dover quanto Buffière concentraram-se muito mais nas descrições que nas explicações ou análises do fenômeno.

Na sequência, o estudo de Sergent, *Homosexuality in greek myth* que analisou os mitos gregos e textos históricos quase etnográficos relativos a Creta, Esparta, Atenas, mas também aos celtas, germanos e iranianos, mostrou que as práticas evocadas por estes textos inserem-se nos ritos de passagem, que marcam a integração dos jovens à sociedade dos adultos.

A questão é que, embora Sergent não reduzisse a homossexualidade exclusivamente à função ritual – práticas de exclusão e de marginalização, seguidas de inversão dos papéis usuais e, enfim, de reintegração no grupo – suas conclusões pareciam levar, quase que inevitavelmente, a pensar que a codificação do rito iniciático primitivo fundava a legitimidade da prática erótica concomitante ao rito, o que reduzia enormemente o fenômeno, ao considerar apenas uma de suas facetas (SARTRE, 1999). Boswell, um dos maiores adversários da tese de Sergent, veio à tona com a sua obra *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality: Gay*

people in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century, demonstrando a generalização da homossexualidade no meio dos clérigos e dos bispos dos primeiros séculos da Idade Média e que a condenação cristã não encontrava justificação nas escrituras sagradas (SARTRE, 1999).

Os argumentos de Boswell, que fundam a legitimidade de uma homossexualidade que só teria sido atacada a partir do triunfo das ideias de Tomás de Aquino, remetem-no claramente para um enfoque “essencialista”.

Segundo este autor, a heterossexualidade e a homossexualidade são essências do ser humano, independentemente de sociedade e cultura.

Assim, vendo a homossexualidade entre os antigos, pagãos e cristãos, parecia que Boswell “[...] preocupava-se mais em buscar na Antiguidade argumentos para alimentar os debates atuais do que em compreender por eles mesmos os comportamentos dos gregos e, de maneira mais geral, dos antigos” (SARTRE, 1999, p. 5).

A década de 1980 foi um momento de crescimento do conservadorismo, especialmente após a eleição de M. Thatcher (1979) na Inglaterra e Ronald Reagan (1981) nos Estados Unidos e com o início do pontificado de João Paulo II (1978). Também esta é a década em que surgem a Aids e todos os problemas morais em que ela implicou.

A plataforma conservadora de ambos os políticos – principalmente no tocante à educação e serviços públicos de saúde, assim como no apoio a atividades culturais – muitas vezes levou a um enfrentamento direto com o movimento social oriundo de 1968, particularmente sobre pontos relativos ao livre exercício do aborto e ao reconhecimento civil da parceria homossexual.

O conservadorismo social e a descrença na ação educativa do Estado, em especial contra o preconceito, permitem o avanço de um cientificismo totalmente desprovido de qualquer base e capaz de forjar comportamentos clínicos altamente duvidosos.

Surge um novo clima de patologização da homossexualidade, recusando-se a aceitar qualquer possibilidade explicativa baseada em dados culturais.

Nessa visão, a homossexualidade teria origem orgânica e estaria muito possivelmente inscrita no código genético das pessoas, sendo possível mesmo identificá-la e, quem sabe, curá-la ou exterminá-la (SILVA, 2000, p. 243).

Foi também na década de 1980, e contra a maré conservadora que ela trouxe, que vários autores colaboraram para a criação do “Construcionismo”. O enfoque essencialista será radicalmente criticado pela abordagem construcionista.

A interpretação construcionista afirma que as experiências sexuais são construções culturais, isto é, em cada sociedade essas experiências são estruturadas de uma forma específica. Portanto, elas são consideradas categorias históricas, e não categorias universais ou naturais.

Segundo a abordagem construcionista, as experiências e as identidades sexuais na modernidade ocidental são estruturadas pela “sexualidade”, enquanto um campo discursivo autônomo, construído por essa mesma modernidade, que interpreta e organiza as experiências e as identidades sexuais na medida que constitui e individualiza o ser no nível do ser sexual.

Diferentemente de sexo, que é um fato natural, sexualidade é uma construção cultural. Ela representa a apropriação do corpo humana e de suas zonas erógenas por meio de um discurso ideológico.

As imagens do “homoerotismo” construídas ao longo desta historiografia desencadearam tensões e debates políticos, em parte implícitos e em parte explícitos na própria escrita de cada obra, na sucessão delas e no diálogo entre elas, e fundamentalmente no diálogo entre elas e o establishment.

Vimos acima, a título de exemplos, primeiro, a militância de Boswell e as críticas deste autor ao reducionismo de Sergent, que na avaliação de Boswell, reduzia as relações

homoeróticas entre os antigos, consideradas por ambos como homossexuais, a um rito iniciático.

Depois, as críticas do construcionismo, abordagem que recusa as categorias de análise homossexualidade, heterossexualidade e sexualidade para a Grécia antiga, às teses de Boswell.

Estamos lidando com o uso de argumentos históricos como instrumentos políticos. Isto é, estamos lidando, em muitos casos, não apenas com mudanças teóricas e metodológicas, mas, também, com mudanças ideológicas e os usos políticos delas.

Não estaríamos também lidando com invenções de tradições? Em outras palavras, é possível verificar, no desenrolar desta historiografia, um debate político contemporâneo sobre os direitos de cidadania dos homossexuais, a construção da identidade homossexual e a visibilidade da homossexualidade no plano da democracia vigente.

Considero que “[...] o agente racional humano que tenha adquirido consciência histórica (fundamentada argumentativa, discursivamente) dispõe de elevado grau de probabilidade de influir sobre a orientação pessoal e social do agir” (MARTINS, 2002, p. 18).

Por um lado, considero importante discutir cada obra historiográfica e literária como produção de seu tempo, investigando o uso que se fez do fenômeno grego em cada ambiente político e cultural.

Por outro, será necessário estabelecer uma linha de congruência, de diálogos entre as discussões possíveis nestas obras e o movimento que quer colocar/liberar/integrar na sociedade, por meio de um comportamento ou ação política, um novo ator social: o homossexual.

Certamente, poderemos verificar nesta interação, entre o moderno e o antigo, relações de franco apoio, precedência, continuidade, militância, ambiguidade, repúdio, conhecimento

histórico e esclarecimento teórico. Trata-se da investigação de um aspecto do helenismo na modernidade.

5.2 A Homossexualidade Como Uma Construção Da Modernidade

Segundo Paulo Bonança, Psicólogo, diplomado em Sexualidade Humana pela Universidade Diego Portales- Chile-Autor da Tese "A AIDS entre os homossexuais; A confissão da soro positividade ao interior da família"; o caráter histórico das práticas sexuais, sua dimensão simbólica e seu caráter dialético, configuram elementos que nos permitem compreender a relação indivíduo/sociedade/sexualidade.

Até o final do século XVIII, o direito canônico, a lei civil e a pastoral cristã estabeleceram o lícito e o ilícito dos atos sexuais, colocando no núcleo do seu discurso a família e seu papel reprodutivo, objetivando deste modo a ordem e o controle social através da regulamentação das práticas sexuais.

Com o início da modernidade e o avanço das ciências, o foco de atenção sexual deixou de ser o matrimônio e se concentrou nas sexualidades periféricas, ou seja: a sexualidade dos loucos, das crianças, dos criminosos e no prazer homoerótico.

As sexualidades ditas periféricas não surgiram na modernidade: sempre estiveram presentes durante épocas anteriores, porém a diferença é que agora elas passam a ter uma visibilidade e são apresentadas como entidades específicas que devem ser estudadas, avaliadas e controladas.

Através deste processo ocorreu a implementação das perversões pela ciência, que se encarrega de controlar, classificar e inseri-la dentro de uma realidade permanente e analítica. Estas novas classificações e especificações criaram uma nova identidade, um novo tipo de

indivíduo: o "sujeito homossexual", diferente dos outros sujeitos da sociedade por estar fora da norma dominante.

Esta construção moderna da homossexualidade como uma identidade, impossibilitou uma visão total do indivíduo, que passou a ser fragmentado com sua sexualidade predominando seus atos. O sodomita de épocas anteriores era um relapso, o homossexual do início da modernidade é uma espécie.

Atualmente, as ciências e a sociedade civil organizada deram grandes passos no sentido de desmistificar o prazer homoerótico e o preconceito social que o acompanha.

Mas o caminho é longo e difícil, pois a tolerância alcançada através de árduo trabalho não é a falta do preconceito, mas sim, o preconceito congelado, escondido, à espera de uma oportunidade para surgir e estabelecer suas normas e pautas de controle e normalidade sexual.

6. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa. Pesquisa qualitativa é um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, por exemplo. Com a pesquisa qualitativa, os entrevistados estão mais livres para apontar os seus pontos de vista sobre determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo.

Numa pesquisa qualitativa as respostas não são objetivas, e o propósito não é contabilizar quantidades como resultados, mas sim conseguir compreender o comportamento de determinado grupo-alvo. Normalmente, as pesquisas qualitativas são feitas com um número pequeno de entrevistados.

A escolha da pesquisa qualitativa como metodologia de investigação é feita quando o objetivo do estudo é identificar como atletas de voleibol adquiriram sua homossexualidade e se ela tem relação com uma possível evolução nas suas trajetórias esportivas.

Este modelo recai no princípio da interação sujeito-objeto na produção de conhecimento: o sujeito tem um papel ativo, mas por outro lado, está submetido às determinações da realidade que, segundo o autor, introduz no conhecimento uma visão da realidade que é socialmente transmitida.

Dessa forma, a interação sujeito/objeto permite que durante o processo de conhecimento, ambos se modifiquem. Acerca da relação sujeito/objeto, Severino (2006) afirma que [...] estão em pauta as condições de possibilidade e de realização do próprio processo que se designa como “conhecer”.

Desse modo, qualquer forma de conhecimento pressupõe uma referência epistemológica, ou seja, uma determinada visão de como a subjetividade humana se “apropria” de determinados conteúdos, tidos como seus conhecimentos. (p.1)

Por meio do trabalho de campo, o pesquisador entra em contato direto com o ambiente e a situação em que o objeto em estudo está inserido, já que segundo a perspectiva qualitativa, os fenômenos são muito influenciados pelo seu contexto.

Dessa forma, a realidade que um determinado objeto se insere é essencial para que se possa entendê-lo.

Os dados coletados dessa realidade são descritivos, uma vez que interpretar o objeto exige recuperar rigorosamente os contextos em que os fenômenos têm sentido e, portanto, o sentido que os investigados dão à realidade e à sua vida são relevantes na abordagem qualitativa.

Como afirma Gamboa (2007) Interpretar exige recuperar os cenários, os lugares ou palcos onde as manifestações dos atores têm sentido; requer também a constituição de um horizonte interpretativo que permite articular diversas manifestações num quadro compreensivo.

Nesse sentido, investigações etnográficas, por exemplo, exigem a localização dos fenômenos observados em seus ambientes culturais, dentro dos quais as expressões e os discursos têm validade.

O caminho do conhecimento implica traçar um percurso das partes ao todo e deste ao contexto, caminho contrário ao realizado pela [abordagem] analítica que vai do todo delimitado e separado do contexto para as partes. (p.138) .

O pesquisador constitui-se como instrumento principal nesse processo, já que ele quem decide quais instrumentos de coleta de dados permitem apreender da melhor forma o objeto, que, por sua vez, indica qual a compreensão que o sujeito/pesquisador tem desse objeto.

No momento de análise dos dados segue o processo indutivo, uma vez que os referenciais teórico-metodológicos guiarão o pesquisador na seleção das informações relevantes para a pesquisa, nos instrumentos para coletas de dados, no amplo universo de interpretação das informações coletadas e na abertura para a polissemia.

6.1 Coleta De Dados

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas realizadas com 04 jogadores de voleibol, escolhidos por terem se declarados homossexuais e que aceitaram participar espontaneamente da pesquisa.

A coleta de dados da pesquisa de campo ocorreu por meio de entrevistas, que Martins (2008, p. 27) define como “[...] uma técnica de pesquisa para coleta de dados cujo objetivo básico é entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriormente, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador”.

Antes de cada entrevista, explicou-se aos entrevistados a finalidade da mesma, o objetivo da pesquisa, a importância da colaboração pessoal de cada um dos jogadores de voleibol participantes da pesquisa, bem como se esclareceu que a entrevista tem caráter estritamente confidencial e que as informações prestadas permanecerão no anonimato.

Nas entrevistas, foram feitas perguntas abertas, buscando captar as nuances da relação dos entrevistados com o tema proposto.

As entrevistas duraram cerca de 50 min e foram realizadas em salas fechadas apenas com a presença do entrevistador e o pesquisado. Os entrevistados foram encorajados a entrar em detalhes, a exprimir sentimentos e crenças, a relatar características pessoais e experiências passadas.

Foi utilizado um roteiro de 15 (quinze) perguntas estruturadas que estão em anexo. Todas as respostas obtidas foram gravadas e posteriormente transcritas para serem analisadas.

Foram realizadas perguntas baseadas em um roteiro de questões pautadas sobre o universo da temática que trata da homossexualidade, as respostas foram gravadas e transcritas, para serem analisadas, aqui apresentamos as questões e as respostas individuais de

cada jogador que foram apelidados com os nomes fictícios para preservação de suas identidades.

Após isto, fizemos quadros de cada questão com as respostas de todos os entrevistados para analisar melhor as semelhanças e diferenças encontradas com as questões.

7. SOU GAY É DAI: AS NUANCES DA HOMOSSEXUALIDADE NA TRAJETÓRIA DOS JOGADORES DE VOLEIBOL.

Os dados obtidos por meio das entrevistas objetivaram trazer as reflexões, argumentações e interpretações dos entrevistados envolvidos.

A interpretação dos dados dessas entrevistas ocorreu levando-se em conta o número de vezes que os entrevistados passaram a mesma ideia sobre determinado questionamento e a relevância da resposta, a fim de solucionar as questões apresentadas nos objetivos específicos.

Sobre a análise de dados, o trecho abaixo possibilita uma maior compreensão desta parte da monografia:

De modo geral a análise de dados consiste em examinar, classificar e, muito frequentemente, categorizar os dados, opiniões e informações coletadas, ou seja, a partir das proposições, teoria preliminar e resultados encontrados, construir uma teoria que ajude a explicar o fenômeno sob estudo. Não se deve também esquecer o uso do material bibliográfico e de outras naturezas que compõem a plataforma teórica do estudo, para sustentar análises, comentários, classificações, categorizações, teorizações e conclusões. A análise de um Estudo de Caso deve deixar claro que todas as evidências relevantes foram abordadas e deram sustentação às proposições que parametrizaram toda a investigação. A qualidade das análises será notada pelo tratamento e discussão das principais interpretações – linhas de argumentação – concorrentes, bem como pela exposição dos aspectos mais significativos do caso sob estudo e de possíveis laços com outras pesquisas assemelhadas. (MARTINS, p. 86-87).

Assim, nossa intenção, portanto é atingir o objetivo proposto, primeiramente de analisar como os jogadores de voleibol adquiriram a homossexualidade e depois como isto perpassa suas vidas na família, escolas que frequentaram ou frequentam e na equipe que jogam.

Na busca de atingir o objetivo proposto a primeira questão aborda de imediato como se deu o primeiro contato dos jogadores com a homossexualidade, explicitando a experiência primeira, aquela que possivelmente desencadeou a opção dos participantes da pesquisa sobre a fixação da homossexualidade nas suas trajetórias de vidas, como opção de prazer sexual definindo seus comportamentos, posturas, escolhas e estilo de vida sexual.

QUADRO 1. - QUAL FOI SEU PRIMEIRO CONTATO COM A HOMOSSEXUALIDADE?

PILÃO	Foi aos 15 anos, dentro de casa com um amigo, jogando videogame. Nunca tinha tido contato com alguém do mesmo sexo , na verdade foi por curiosidade, por que naquele tempo eu já namorava uma garota.
TOSTÃO	A primeira vez que conheci alguém foi no Mato Grosso, bem no interior, eu morava na fazenda, a 70 km, lá tinha um rapaz, numa vila de 100 pessoa, um rapaz que era Gay, esse rapaz era amigo da minha família, era mais velho, foi o primeiro gay que conheci, não que me relacionei, mas de contato, de conhecer, de ver.
ALEMÃO	O primeiro contato foi em 2006 tinha um relacionamento heterossexual, ai terminamos e resolvi experimentar ver se era uma coisa legal ou não, em julho de 2006 foi quando tive o primeiro contato.
TICÃO	Foi a muito tempo, eu tinha de oito para menos, brincadeirainha assim com meninos que já eram homossexuais, então comecei a me descobrir homossexual.

Fonte: Construção do próprio pesquisador

Se Foucault foi capaz de traçar uma *História da Sexualidade* (1988), isso aconteceu pelo fato de compreendê-la como uma "invenção social", ou seja, por entender que ela se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam que normalizam que instauram saberes, que produzem "verdades".

Observamos que os jogadores de voleibol aqui pesquisados puderam exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles puderam "viver seus desejos e prazeres corporais" de muitos modos segundo (Weeks, apud Britzman, 1996). Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros do mesmo sexo, ou até do sexo oposto como relatado por alemão, para depois experimentar o prazer sexual com o mesmo sexo.

Por outro lado, eles também se identificam, social e historicamente, como masculinos e assim constroem suas *identidades de gênero*. Ora, é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente.

No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.).

O que importa aqui considerar é que tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.

Pilão no caso adquiriu na adolescência, aos quinze anos, já Tostão começou a dar destaque a homossexualidade na fazenda onde morava, sem identificação de idade, Alemão relatou que foi recente em 2006, após um fracasso amoroso de um relacionamento heterossexual e por fim Ticão começou desde muito cedo a adquirir sua homossexualidade aos oito anos ou menos segundo seu depoimento.

Diante Disso, não é possível fixar um momento seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual

e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Deborah Britzman (1996, p. 74) afirma: Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa— é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção.

Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada

Mas este constructo, passa primeiro pela família, que é a responsável primária na formação da identidade de seus filhos, a respeito de toda ordem moral, social, étnica, racial e sexual também.

Neste sentido, o quadro dois, mostra as respostas proferidas pelos jogadores sobre como a família ajudou na construção dessa identidade voltada aos aspectos sexuais, salientado a homossexualidade. Mas diga-se antecipadamente que impera o silêncio, mesmo este mostra muito a respeito desse tabu existente na sociedade e na família sobre a sexualidade de uma maneira geral.

Quadro 2. EM SUA FAMÍLIA, COMO FOI SUA ORIENTAÇÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?

PILÃO	Não conversava, a primeira vez que falei que gostava foi com meus irmãos, que senti mais confiança para estar contando pra eles. Minha mãe já chegou a perguntar a respeito se gostava ou não. Na minha adolescência nunca tive orientação.
TOSTÃO	Tive, acho que de uma certa forma eu tive, porque tem muita gente que fala de aceitação, aceitação não foi um problema, a homossexualidade dentro da minha família, não foi um bicho de 7 cabeças, não foi uma coisa de assustar, então todo mundo falava dessa orientação de uma forma normal, sem muita delonga.
ALEMÃO	Não, não se falava disso em casa, alias não se falava sobre nada, nem sobre homossexualidade, nem sobre sexo em si, mas orientação nunca tive. Nem quanto a heterossexualidade, nem

	sobre a homossexualidade.
TICÃO	Teve orientação assim, mais o básico, o respeito mesmo, se seguiu aquilo que te faz feliz, a orientação da minha família sempre foi esta, respeitar o próximo e ser feliz.

Fonte: Construção do próprio pesquisador

Segundo Foucault, regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. É quase certo ter havido aí toda uma economia restritiva.

Começamos nossa análise a esta questão com as palavras de Foucault, porque pudemos constatar com as respostas dadas, que três famílias ainda preservam o tabu de falar sobre sexualidade para com seus filhos, resultando um silenciar sobre a questão.

Parece que estamos no legado do século XVII, o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados.

Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível.

O segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo quer tentem quebrá-lo quer o reproduzam de forma obscura, pela própria maneira de falar.

Como no caso do jogador Tostão, e do jogador Ticão, onde as famílias não de privavam de falar sobre o assunto, apenas contornavam a situação generalizando o discurso sem detalhamento do que realmente o filho devia incorporar para sua vida sobre a questão da homossexualidade.

Trata-se, ao contrário, para estas famílias de um tema que faz parte da própria mecânica de incitações, ou seja, maneira de dar forma à exigência de falar, fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre o sexo.

Desta forma, pudemos observar que nenhuma família desses jogadores os orientou na ótica da homossexualidade. O princípio heteronormativo, mesmo que de forma velado fica presente no cerne dessas famílias, já que nenhum deles descreveu com pormenores sua orientação sexual advinda de suas famílias.

Portanto, não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos.

Ainda em relação a postura da família sobre estas questões ligadas a homossexualidade, depois de perceber com as duas primeiras questões, que elas se isentam ou criam estratégias para não explicitar a temática em casa, como condição de constructo da identidade de seus filhos, perguntamos se existe algum tipo de preconceito por parte de algum dos membros que a constituem, por eles serem homossexuais declarados socialmente, o quadro de número três mostra as respostas dadas pelos jogadores.

Quadro 3. - VOCÊ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO NA FAMÍLIA EM RELAÇÃO DA SUA OPÇÃO SEXUAL?

PILÃO	Dos meus irmãos, antes, bem antes eles me criticavam, nossa seu jeito de viado, tem que parar com isso, mas foi só no começo. Hoje eles respeitam meu jeito, apesar de não ser tão declarado.
TOSTÃO	Dentro da minha família não, graças a Deus, a gente vê cada uma por ai né, mas dentro da minha família até falava com minha mãe, tinha 16 para 17 anos, foi muito tranquilo, meu Pai, a parte da minha família. Apesar que para o resto da minha família nunca peguei e fiz uma reunião, um chá de cozinha e falei “sou gay”. Simplesmente me senti na obrigação de contar para minha Mãe

	sobre minha orientação sexual, e o resto da minha família ficou sabendo por consequência, mas nada de piadinhas, nada disso. Independente da orientação sexual, sou Eu, não me sinto na obrigação de expor.
ALEMÃO	Preconceito não, quando eu contei, contei para minha mãe, minha irmã, não teve, mas teve que ter um tempo pra elas poderem digerir a situação, no começo as duas falaram que estava tudo bem, que não tinha problema nenhum, que não ia mudar nada, mas dava pra perceber que estava com aquela coisa tipo ainda não acredito direito, mas com o tempo foi ficando tudo normal, mas aceitaram numa boa.
TICÃO	Até hoje não sofri, até por que não são todos da minha família que sabem da minha boca, então o pessoal que moro, dentro de casa sabem, o restante não sabem. Até com isso não sofri nenhum tipo de preconceito.

Fonte: Construção do próprio pesquisador

Pelas respostas apresentadas, verificamos que Pilão foi o único que declarou sofrer algum preconceito por parte dos irmãos, a representação da heterossexualidade predominante na sociedade brasileira, fica claro quando ele se refere aos irmãos (homens) não aceitarem sua opção de prazer sexual por outros homens. Trata-se pois de uma questão de gênero, onde os pensamentos dos irmãos são pautados que normatização existente nas representações sociais, sobre a masculinidade e a feminilidade.

A concepção de gênero como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas.

Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito "gênero". Na verdade, pensamos que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das

hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária.

Notamos ainda que o jogador denominado pilão teve que encontrar uma estratégia comportamental para ser aceito pelos seus irmãos, que foi a descrição de seus atos e gestos, e certo fechamento do assunto, como que um arcabouço protegido por eles (irmãos) se ele não explicitasse sua condição fora desse âmbito.

Instaura-se neste momento, um preconceito velado em códigos e símbolos determinados pelos irmãos pela pressão que exercem sobre seu irmão que de certo modo transgredir a ordem da lógica masculina.

Em relação aos outros três jogadores, observamos com suas respostas a figura da mãe, da irmã protetoras que acolhem seus filhos, num gesto de aceitação de suas escolhas, protegendo-os de toda a qualquer espécie de preconceito que porventura vierem a sofrer.

Mas, também observamos que ainda a problemática fica restrita na família, parece que a família constrói uma redoma de vidro onde o filho ficaria eternamente isolado de toda a realidade que o mundo viesse a colocar na sua trajetória de vida.

Um pacto se estabelece nas famílias, onde eles aceitariam a situação do filho, mas não falariam sobre o assunto, já que neste momento os princípios morais, religiosos poderiam sufocar a decisão tomada pelos jogadores.

Se na família já há este silêncio sobre o assunto, e quando o fato é constatado da opção sexual pelos seus filhos, percebemos que eles criam uma espécie de redoma de vidro, onde a realidade ficaria presa a este universo, onde nenhuma força externa contrária a esta posição nunca entraria e não abalaria a construção normatizadora da trajetória de vida dos seus membros.

Mas sabemos que este pensamento fica só no imaginário, pois transitamos por outras agências socializadoras, e a escola é aquela onde todos estes comportamentos, decisões, conselhos, posturas, condutas, serão explicitados, pois a escola propaga e cobra dos alunos, no caso desta pesquisa dos jogadores de voleibol, um modelo de cidadão pautado pelos princípios éticos, religiosos, morais, sexuais, dentre outros, de uma classe social que determina e transmite e legitima sua posição diante da realidade social, que muitas vezes conflita com aquele adquirido no seio familiar.

Neste sentido, fizemos uma pergunta aos jogadores de voleibol, se há escola, transmissora de conhecimentos científicos, transformados para atender as necessidades de formação do aluno, ensina e propõe reflexões sobre o assunto em pauta da sexualidade, homossexualidade, gênero.

Esta questão foi feita em função dos Parâmetros Curriculares Nacional(PCN) que tem como tema transversal a orientação sexual, ou seja, este assunto deve perpassar todas as áreas do conhecimento contidos no currículo escolar, dos níveis da escolarização básica.

As respostas proferidas pelos jogadores de voleibol encontram-se no quadro a seguir:

Quadro 4. - NA ESCOLA, QUAIS FORAM AS INFORMAÇÕES DADAS POR SEUS PROFESSORES?

PILÃO	Sobre opção não tivemos, nós tivemos aulas de sexo, de preservativo.
TOSTÃO	Na escola não, nada. É algo difícil de ser tratado! Sim, eu acho que é um tabu nas escolas de hoje, o pouco que tentam implementar, tipo, igual ao que está acontecendo agora, eles estavam tentando colocar aquelas cartilhas, mas a bancada evangélica é muito forte, é muito pesada, é muito homofóbica.
ALEMÃO	Não, na escola não, já estudei em escola pública e particular, e nenhuma das escolas nem palestras nada, nem professores tocavam no assunto, se tocava era uma coisa que se mudava de assunto logo, não se falava muito disso nas escolas, nem da homossexualidade, nem da heterossexualidade. Isso continua sendo

	um tabu, vários Pais ainda acham que você falando sobre isso, você influencia o seu filho a começar praticar sexo mais cedo, ou influencia na homossexualidade ou prática de sexo
TICÃO	Tive, a orientação do que era e do que não era, e acho que foi isso e uma orientação, muito mais uma orientação para prevenção, do que a orientação sobre gênero, sobre a homossexualidade, sobre o assunto em si, eles falaram bem pouco, mas era voltado para prevenção mesmo.

Fonte: Construção do próprio pesquisador

Unanimemente, todos os jogadores responderam não haver nenhum tipo de informação pedagógica, com métodos próprios de transmissão de conhecimentos voltados a área da Educação Sexual.

Estas respostas só vêm a ratificar vários estudos da área, tais como Louro (1995) que comprovam um silêncio pedagógico sobre esta temática, imperando ainda hoje o Tabu, o preconceito, e principalmente a falta de formação dos professores para lidar com este conteúdo da orientação sexual, sexualidade, gênero e principalmente homossexualidade.

Mas não constatamos apenas isso, nas respostas dos entrevistados, Tostão, por exemplo, nos mostra outra condição que limita a possibilidade do assunto ser tratado na escola, quando ele diz que a bancada evangélica impede esta condição vetando a proposta de Lei que incluiria no currículo da escola a Educação sexual como uma matéria específica na formação dos alunos da Educação Básica.

Poder é relação de forças e se distribui em rede. Portanto, não há um lugar do poder e nada está isento de poder. Se não há um lugar do poder, não pode haver um lugar da resistência. As lutas são formas de resistência na própria rede de poderes.

Assim como o poder, a resistência se distribui, como uma rede, em pontos móveis e transitórios, em toda a estrutura social. Seria possível ao indivíduo, como produto do poder, resistir ao que o constitui.

Portanto, se, por um lado, o poder é uma relação de forças com outras forças, por outro, a subjetivação é uma relação de forças consigo mesmo.

A partir disso, Foucault, formulando uma “estilística da existência”, tratará das possibilidades de vida capazes de resistir ao poder e de se beneficiar do saber (RODRIGUES, 1998), portanto, embora não possua uma cultura política “constituída”, a homossexualidade toca o político.

Diante disto, entendemos que a Educação integral dos nossos alunos fica obstruída pelo pensamento de políticos ortodoxos ligados a doutrinas religiosas ligadas ao radicalismo que tem em Adão e Eva a imagem e representação de posturas e condutas, até serem castigados por experimentarem do fruto proibido e sofrerem as consequências deste pecado.

Assim, a religião, é um forte argumento para deduzirmos que muitos dos silêncios observados tanto nas atitudes da família, quanto da escola, pressiona a incubação deste assunto nos seus âmbitos, deixando empobrecida esta Educação Sexual dos nossos jogadores e alunos que vivem da mesma situação, cheios de dúvida, de culpas e tidos como aberrações comportamentais diante daquilo que é promulgada e legitimada pela sociedade brasileira que é uma orientação heteronormativa.

Então a escola instituição que visa formar o indivíduo de maneira integral esta deixando uma lacuna grande nesta direção da Educação Sexual, se neutralizando neste sentido, quando os jogadores de voleibol, como, por exemplo, o Pilão e o Tostão dizem nas suas respostas que tiveram aulas de biologização da temática, voltada as questões de prevenção e aspectos fisiológicos, doenças relacionadas ao sexo, que fazem parte de um discurso de uma abordagem higienista do começo do século XX, onde os médicos higienistas eram os responsáveis pelo viés educacional de formação de nossos alunos.

Retrocedemos assim, ou numa outra visão, ficamos estacionados nos pensamentos do século passado, a medicina importante sem dúvida nenhuma com seus avanços científicos,

mas determinista e controladora do pensamento hegemônico que deva ser transmitido aos nossos alunos na escola.

Entendemos que não podemos limitar o conhecimento apenas a uma visão orgânica do indivíduo já que não somos seres apenas orgânicos, somos eminentemente sociais, portanto, a nossas características sociais e culturais de seres humanos precisam ser trabalhadas na escola.

Fato este, que observamos em vários estudos científicos, por exemplo, como os de Reina (2011), onde o preconceito que bailarinos e jogadores de futebol sofrem na escola por escolherem práticas culturais, deterministas como sendo futebol para meninos e balé para meninas, taxando-os de gays e lésbicas estereotipando suas condições humanas, competências e habilidades a um comportamento tido desviando pela normatização do pensamento que impera na nossa sociedade; no mesmo estudo de Reina (2011) há uma inferência em algumas entrevistas feitas pelos participantes de sua pesquisa, que o esporte voleibol também é esporte de menina, taxando assim os meninos de gays e as meninas de lésbicas, estereotipando suas condições humanas, competências e habilidades a um comportamento tido desviando pela nossa sociedade.

Diante disso, perguntamos aos jogadores de voleibol se eles haviam sofrido qualquer tipo de preconceito na escola, vejamos o que eles responderam:

Quadro 5. - VOCÊ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO NA ESCOLA EM RELAÇÃO DA SUA OPÇÃO SEXUAL?

PILÃO	De homossexualidade de não.
TOSTÃO	Eu poderia até falar que não, foi uma parte tranquila, você é mais inocente, mais tranquilo, mas tinha. Tinha o preconceito da escola, tinha o pessoal, os garotos mulherengos, sempre me viam como o viado amigo da menina bonita, isso pra mim já é um tipo de preconceito. Preconceito não é só pegar e expor, “viado”, não sei mais o que, preconceito é também quando você sofre sem ser exposto, tipo aquela pessoa que se afasta de você por ser gay, isto já é uma forma de preconceito, não é só ser escancarado.
ALEMÃO	Dentro da escola, não, era aquele preconceito mais que a gente fala, as brincadeirinhas, que era... você joga vôlei então você é

	viado, quem joga vôlei é viado, mas preconceito em si mesmo não. So quando me assumi, alguns amigos se afastaram, mas foi por opção deles, eles quiseram se afastar, fora isso não.
TICÃO	Sempre teve um grupinho de heteros, assim que não aceitava e fazia piadinhas entre eles, mas nunca chegaram a apontar dedo pra mim, me ameaçar, fazer nada ao meu respeito.

Fonte: Construção do próprio pesquisador

As respostas dadas pelos jogadores de voleibol, na sua maioria mostrou não haver nenhum, tipo de preconceito, Ticão, Alemão disseram faziam piadinhas da sua opção.

Interessante notar neste contexto que inconscientemente eles não creditavam as piadas como um preconceito, mostrando desta forma que existe um tipo de preconceito que se torna imperceptível aos olhos daqueles que os sofrem, tornando-se natural esta situação.

Quem ratifica nos seus estudos esta realidade é Bourdieu no seu livro a dominação Masculina (1998), quando ele aponta a violência simbólica como categoria de análise sociológica, suave, sensível e imperceptível aos olhos daqueles que são marginalizados pela sociedade.

Inferimos também, que a não exteriorização da condição, o manter-se fechado em si, nas suas posturas tanto orais, como corporais, muitas vezes utilizadas como estratégias para ocultarem-se a opção sexual, com medo de sofrerem este tipo de violência ou até física, poderá ser a resposta dada pelos dois outros integrantes da pesquisa.

Além destas questões, a fala de Alemão vem ratificar os estudos de Reina (2011), quando alguns participantes de sua pesquisa disseram que nas aulas de Educação Física os meninos jogavam futebol e as meninas voleibol, já que voleibol era esporte de menina e não de menino, podemos associar a isso o balé no caso dos bailarinos de sua pesquisa.

Outro momento que nos chama a atenção nessa fala de alemão é o afastamento de alguns de seus amigos, quando eles ficam sabendo que ele opta em ser homossexual como meio de realizar seus desejos, comportamentos, posturas e prazeres sexuais.

Como se um contágio no nosso entender ocorresse ou suas imagens ficassem esmorradas por conviverem com um gay. Isso mostra o quanto o pensamento hegemônico na nossa sociedade na direção da heteronormatização é muito forte e determinista.

Neste âmbito escolar, identificamos o silenciamento da prática pedagógica dos professores sobre esta questão e que mesmo que de forma imperceptível a violência simbólica proferida por Bourdieu nos seus estudos, nesta realidade também se faz presente.

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-lo, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente (Goffman, 1988).

Aos homossexuais abre-se a possibilidade de manipulação da informação que as pessoas têm sobre eles, na medida em que esta prática não seria, a princípio, evidente, a não ser em situações de intimidade (Goffman, 1988).

Esta possibilidade é, ao mesmo tempo, o interdito da visibilidade e a incorporação do mesmo (dominação simbólica), indicando a aceitação da existência de uma prática sexual correta e instituindo uma experiência envergonhada (escondida) da sexualidade (Bourdieu, 1999).

Fazem isto a partir do estabelecimento de relações igualitárias, nas quais os papéis ativo/passivo não existem como relação de subordinação. Ao contrário, as relações sexuais seriam vistas como fontes de prazer, sendo valorizadas por isto.

O gay, de alguma forma, rompe com a representação do homossexual masculino como inferior, feminino; com o gay, a imagem do homossexual é redefinida como masculina, adotando os signos da masculinidade (corpo musculoso, bigode, calças justas).

O rompimento com a invisibilidade se dá com uma superação do gueto, e a constituição de grupos organizados de homossexuais que visam questionar sua posição na sociedade, tentando redefinir a categorização social do homossexual: lutando por impor o sistema de classificação mais favorável a suas propriedades ou ainda para dar ao sistema de classificação dominante o conteúdo melhor para valorizar o que ele tem e o que ele é (Bourdieu, 1979, p. 554).

Neste sentido, quando as questões se voltam para o universo específico do mundo do voleibol, as constatações tomam outra direção, e é justamente com a questão seguinte que objetivamos analisar como a homossexualidade é tratada neste ambiente.

Iniciamos nossa investigação, buscando respostas primeiramente sobre seus técnicos, pois eles seriam as primeiras pessoas que no processo de formação atlética, agiriam diretamente no comportamento deles, orientando suas posturas e condutas dentro deste campo de atuação.

A questão a seguir, aponta justamente isso, se a homossexualidade está presente em alguns desses profissionais com os quais trabalharam e se de alguma forma eles supririam a lacuna deixada pela escola na orientação necessária sobre esta temática:

Quadro 6 - VOCÊ JÁ TRABALHOU COM ALGUM TÉCNICO HOMOSSEXUAL? SE SIM, ELE TEVE ALGUMA INFLUÊNCIA EM SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL?

PILÃO	Não
TOSTÃO	Trabalhei sim e não teve influência nenhuma, porque eu já sabia o que queria.
ALEMÃO	Já joguei em Matão, São Carlos, Américo Brasiliense, Ibaté, joguei em Campinas um tempo, mas tive que voltar por que estavam sem estrutura. E aqui em Araraquara. Já, trabalhei com dois técnicos, na verdade duas técnicas, sabiam tudo, mas não era uma coisa que se falava abertamente, as vezes quando se conversava individualmente se tocava mais ou menos no assunto, mas era muito pouco, não tinha assim uma influência. Não, não teve influência nenhuma, quando entrei nas equipes já sabia o que era, um tempo depois fui saber que os técnicos também eram, mas não ao ponto de influenciarem alguma coisa
TICÃO	Se trabalhei, não soube. Ele provavelmente não se assumiu, mas eu

	não soube. Até hoje não trabalhei. Então não teria porque ter uma influência.
--	---

Fonte: Construção do próprio pesquisador

Identificamos com as respostas apresentadas no quadro acima, que este assunto não é colocado em questão aqui, nem na escola, nem na casa deles, ou seja, realmente a sociedade precisa no nosso entender avançar muito no conhecimento e na informação e formação desta temática ligada a sexualidade humana. Entendemos ainda que esse processo é lento porque uma complexidade de fatores permeia esta realidade, a pressão e a Educação religiosa, moral e ética e mais a Educação Sexual como um todo.

O que fica explícito diante das respostas, e que cada técnico e atleta ficam envoltos nas suas próprias concepções de vida. Acreditamos que o lado profissional, as exigências de formação atlética e desenvolvimento das potencialidades físicas, absorvem todos esses aspectos ligados a sexualidade.

Neste campo em específico, com estas respostas notamos a delimitação do espaço, onde os assuntos tratados supostamente deveriam ficar restritos aos fundamentos técnicos, as capacidades físicas e as táticas e regras do jogo, para terem sucessos nas competições que porventura viriam a ocorrer.

Embora, também no interior da equipe esportiva que atuam haja um silêncio sobre as questões relacionadas a sexualidade, particularmente a homossexualidade, dando mais ênfase as questões técnicas e táticas da equipe para superação dos obstáculos e atingir as metas propostas para o ano competitivo, o quadro abaixo mostra que existe sim certo preconceito com a exteriorização da homossexualidade por alguns membros da sua equipe como relatou por exemplo Alemão.

Um fato que nos chama a atenção na fala de Tostão, é que a cidade de Araraquara, mas especificamente os profissionais que trabalham com o voleibol tem a fama de homofóbicos no

discurso de alguns outros atletas que por lá passaram e não ficaram esta situação mostra o quanto o meio esportivo ainda cultiva a masculinidade quando se fala em transitar pelos espaços relacionados aos esportes.

Muitas vezes o medo de sofrer represálias por assumir a homossexualidade, ou não terem oportunidades de trabalho em equipes de voleibol como atletas, leva-os a criarem uma estratégia de afastamento da sua condição, construindo uma roupagem de homens machos, exteriorizando uma masculinidade que foge aos seus padrões corporais, psicológicos e sociais. Isso fica claro no depoimento de Tostão, quando ele diz que fingir uma realidade é muito ruim.

Tudo isso fica comprovado com os depoimentos apresentados no quadro constituído abaixo:

Quadro 7. - VOCÊ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO NO MEIO ESPORTIVO DO VOLEIBOL EM RELAÇÃO DA SUA OPÇÃO SEXUAL?

PILÃO	Não
TOSTÃO	É aquilo que estava falando, o que é mascarado, a gente sofre sim. O pessoal se afasta? Não que se afaste, você vê que, acho que é assim, quando você tem que fingir que é uma pessoa que na verdade não é, aquilo está acontecendo alguma coisa, você está fingindo aquilo, ou isso é o medo de você ser aquilo e sofrer um preconceito, mas para você não sentir este medo, tem que ter algum ambiente, tem que ter alguma coisa propicia a um pré preconceito. Matão foi bem tranquilo, Ibaté também, quando vim para Araraquara, tinha uma fama de time homofóbico, todos os Gays meus amigos quando falava que vinha para Araraquara, perguntavam “O que vai fazer em Araraquara, lá é homofóbico, lá o fulano não gosta de Viado”
ALEMÃO	Não, preconceito assim não, tipo abertamente eu não jogo com ele por que ele é Gay, não assim não, tem as brincadeiras que infelizmente ainda tem, mas dependendo da pessoa a gente sabe que realmente foi uma brincadeira, como a gente sabe as que tem um fundinho de verdade, mas o preconceito em si, eu não jogo por que ele é Gay, não tive.
TICÃO	Preconceito não, mas eu me incomodava com algumas piadas, já me incomodei com piadinhas de torcidas. Diretamente não jogar em uma equipe por ser homossexual não.

Fonte: Construção do próprio pesquisador

Um fato histórico, que nos chamou a atenção, e que aqui se faz necessário relatar, foi o que aconteceu quando um jogador de voleibol assumiu publicamente sua homossexualidade. O jogador de voleibol Luiz Cláudio Alves Silva, ou simplesmente Lilico, como era conhecido pelos amigos e no meio esportivo. Foi um atleta de voleibol brasileiro, forte e versátil que atuou como ponteiro e oposto, com um alcance no ataque de 3,60m e um saque que chegava aos 100 km/h.

Observamos a caracterização do atleta como sendo forte e versátil, o caráter da virilidade presente na sua identidade atlética, o fez ter sucesso. Por seu porte físico e potência nos ataques, com 14 anos foi convocado pela Seleção Brasileira para treinar juntamente com os atletas mais velhos, três a mais que o jovem garoto, onde acabou sendo cortado.

Mas com toda sua capacidade demonstrada dentro do Voleibol, acabou sendo convocado novamente um ano mais tarde, em 1991, para os treinamentos da Seleção que estava se preparando para o Campeonato Sul-Americano Infante-Juvenil do ano seguinte, na cidade venezuelana de Valencia, aonde viria conquistar a medalha de ouro.

Em 1993 começou sua vitoriosa carreira nas categorias de base do extinto E.C. Banessa, equipe formadora de grandes talentos do Voleibol Brasileiro, Além do Banessa, atuou em outros Clubes Brasileiros, Palmeiras, Unicor/Três Corações, Barão Ceval, Suzano, Ulbra, além de atuar fora do País, na Equipe Japonesa Nippon – Steel.

Mas tudo isso, sucumbiu quando todos esses títulos conquistados e dedicação foram colocados aparentemente em cheque depois de se assumir publicamente homossexual, o ápice desta história foi em 2000, quando foi cortado da seleção brasileira que iria para a Olimpíada de Sidney e convocou uma coletiva para demonstrar sua insatisfação e expor um suposto preconceito sofrido por ser homossexual e que este seria o real motivo de sua não ida aos Jogos Olímpicos.

Salientamos com isso, o medo e a reserva dos jogadores entrevistados quando perguntado sobre preconceitos nas equipes e relataram que não assumindo posturas diferentes daquelas que gostariam.

O episódio ocorrido com este jogador de renome do voleibol brasileiro solidifica e ratifica a posição de masculinidade, códigos e condutas que os atletas homens devem ter ao adentrarem neste mundo esportivo.

Se este fato histórico repercute até hoje nos meios esportivos, a questão seguinte teve como intencionalidade saber se especificamente na equipe que atuaram e atuam como os atletas lidam com o fato de serem homossexuais declarados.

Quadro 8. - DENTRO DE SUA EQUIPE, DE QUE MANEIRA OS ATLETAS E A COMISSÃO TÉCNICA SE PORTAM SOBRE ESTE ASSUNTO?

PILÃO	Não tive preconceito dentro da equipe, mas eles sempre souberam que eu era gay, mas no começo sempre negava, era muito com um tom de brincadeira. Sempre levaram na boa.
TOSTÃO	Em Matão era normal, eu não era oprimido, livre de novo, eu dentro da quadra sou eu mesmo, eu não tô fingindo nada, não tô segurando para falar alguma coisa, tanto em Matão quanto em Ibaté e este ano em Araraquara. Sim, não era uma coisa assim tão homofóbica, mas era muito mulherengo e tipo assim, te impunha gostar de mulher, ninguém tinha a necessidade de saber se você era viado ou não. O ano passado, no começo, até eu trazer o TICÃO, eu conversava com meus amigos gays quando chegava na quadra, era fulano falando da xana da ciclana, eu pensava assim “onde eu tô”, era engraçado isso, eu acho que isso acaba interferindo um pouco.
ALEMÃO	Desde que comecei nas categorias de base infantil, tinha a gente sabia que tinha homossexual jogando, os técnicos evitavam ficar falando, na verdade é uma coisa meio que escondida, era uma coisa meio que não se falava, os técnicos sabiam mas não perguntavam e os atletas que eram tentavam esconder ao máximo que eram pra não ter nenhum tipo de preconceito. Com medo de serem prejudicados? Sim, com medo de serem prejudicados, serem tirados do time, uma coisa assim, isso nas categorias infantil, acho que todas foram assim, aqui em Araraquara não tenho problema nenhum, com ninguém, todo mundo sabe, todo mundo tranquilo, numa boa sem

	problema nenhum, não tenho problema nenhum com ninguém, e eles também não.
TICÃO	Nunca tive problema com a equipe , com os meninos, sempre souberam, sempre me respeitaram, nunca me faltaram com respeito, desde 2010, quando entrei na equipe, até hoje nunca passei por um constrangimento na equipe.

Fonte: Construção do próprio pesquisador

As respostas apresentadas mostram um mixo de posicionamentos, Pilão por exemplo não sofreu e não sofre nenhum tipo de preconceito no interior da equipe, possivelmente como Lilico ele deve possuir uma virilidade e força que a sua homossexualidade ali dentro fica encoberta, já Tostão alerta para o fato de ter que assumir posicionamentos heterossexuais, comportamentos legitimados pela dominação masculina como diz Bourdieu (1999), para inclusão neste espaço; Alemão na sua fala traz novamente a tona a questão do silenciar do não se falar sobre o assunto e do medo de não conseguir espaço se declarasse e exteriorizasse publicamente na adolescência sua homossexualidade, por fim, Ticão diz que sempre teve acolhimento dos companheiros de equipe, demonstrando assim que ele correspondia as exigência e condutas necessárias a um jogador de voleibol com possíveis desempenhos técnicos e táticos aprovados pelo técnico e companheiros de equipe.

Como lilico, que afirmou também que dentre os companheiros nunca teve problema com relacionamento, que todos os respeitavam e que nunca havia ficado com companheiros ou até mesmo de outras equipes.

Sempre colocou que respeitava seu local de trabalho e as pessoas que conviviam com ele, por isso o grande respeito que tinha no meio esportivo.

Em relação ao meio esportivo, fizemos uma pergunta aos jogadores de voleibol de eles tinham um feedback sobre a realidade de um modo geral. Vejamos o que eles responderam:

Quadro 9. - DENTRO DO MEIO ESPORTIVO DO VOLEIBOL, DE QUE MANEIRA OS ATLETAS E AS COMISSÕES TÉCNICA SE PORTAM SOBRE ESTE ASSUNTO?

PILÃO	Acho que antes tinha mais este preconceito, mas agora como uma normalidade, porque em alguns times a maioria é Gay, mesmo a minoria sendo heterossexual, mas a maioria é homossexual, está muito mais nítido no tempo de hoje.
TOSTÃO	Uma vez o técnico, eu estava usando um manguito (brigth), ele falou que era coisa de viado, ai eu tirei e falei “tá não uso” e tipo pensei “mas eu sou viado”.
ALEMÃO	Conversando a gente, é aquela coisa, como eu falei alguns tem que esconder que são com medo de sofre um represaria, tipo ser tirado do time, ser prejudicado ou sofrer algum tipo de preconceito , muita gente esconde, mas quem é e assume que é, tem equipes que aceitam numa boa, não tem problema nenhum, eu acho que é mais por causa do medo de não deixar aquela coisa mais escancarada e ser prejudicado ou seja ela um preconceito ou tirar do time ou a comissão começar a tratar diferente ou os próprios atletas.
TICÃO	Eles seguem muito a linha da estética do time, até mesmo por causa dos Pais, Patrocínios, eles nunca foram contra, sempre falam que a sua opção é com você, mas eu quero na equipe que seja assim, assado, que respeite, tenha limite.

Fonte: Construção do próprio pesquisador

Diante dessas respostas podemos inferir que hoje em dia, pela maior visibilidade que o esporte voleibol atingir pelos sucessos de suas equipes nacionais ganhando títulos mundiais e olimpíadas, as pessoas ficam mais atentas aos comportamentos dos atletas, como disse Ticão existe um interesse de patrocinadores que investem muito dinheiro para suas marcas serem veiculadas nas camisas de times. Observamos um profissionalismo muito maior nas equipes que disputam grandes campeonatos e são mais expostas às mídias daí cobra-se muito mais e exige-se muito mais das atitudes e comportamentos dos atletas tanto dentro quanto fora da quadra, por tornarem-se pessoas publicas que irão representar o desejo de muitas crianças para atingir suas condições de ascensão e sucesso esportivo.

Por tudo isso, técnicos e comissões técnicas e dirigentes exigirem posicionamentos estereotipados de virilidade e masculinidade de seus membros. Como disse Tostão quando ele

usava um artefato relacionado as mulheres, foi chamado a atenção e teve se arrancar imediatamente.

Por outro lado, Pilão na sua fala demonstra que hoje em dia a uma tolerância maior em relação a esta condição de ser jogador de voleibol assumido homossexual, isso fica comprovado com o ocorrido com o jogador Michael dos Santos. Michael, um meio de rede com 2,02m de altura, foi outro atleta oriundo das categorias de base do extinto E.C. Banespa.

Também com uma carreira vitoriosa, sofreu com o preconceito no jogo do dia 1 de abril de 2011, no Ginásio do Riacho, em Contagem Minas Gerais aquele foi o primeiro jogo das semifinais da Superliga masculina 2010/201, entre Cruzeiro e Vôlei Futuro, no qual a Equipe Mineira saiu vitoriosa, o atleta Michael foi ofendido pelos torcedores da Equipe Mineira, toda vez que atacava e principalmente antes de sacar, com gritos de “Bicha”, “Gay”. Esta atitude foi relatada para a Confederação Brasileira de Volei, a qual tomou as providências, sendo o Clube Mineiro punido com uma multa e perda de mando de jogo. Foi a primeira punição no Brasil no âmbito esportivo por um caso de homofobia.

Com a grande repercussão do caso na mídia, Michael que até aquele momento não havia se declarado homossexual publicamente, resolveu assumir sua orientação sexual, a qual afirmava nas entrevistas da época, que todos os companheiros de clube sabiam, e o respeitavam muito, nunca tendo problemas de relacionamento nos Clubes em que atuou.

No segundo jogo das semifinais na Cidade de Araçatuba, uma grande manifestação a favor da luta pela homofobia foi realizada, sendo estendida uma enorme bandeira foi aberta na arquibancada pedindo o fim do preconceito e na entrada dos Atletas da Equipe de Araçatuba, todos utilizavam uma camiseta na cor rosa com o número e nome do Atleta.

O Líbero da Equipe de Araçatuba utilizou uma camisa de jogo com as cores do movimento LGBT.

Michael, na época, em uma declaração ao Site globoesporte.com, disse que “Já tinha acontecido casos isolados de algumas pessoas gritarem pelo clima do jogo. Mas nem escuto, deixo passar porque é ignorância. Mas foi um coro, senhoras, crianças e mulheres gritando, já num clima preconceituoso mesmo. Hoje resolvi falar para que isso não aconteça mais, não só comigo, caso futuramente eu vá lá jogar de novo, se tivermos o terceiro jogo. Igual lá, nunca aconteceu. Até por isso que resolvi falar, fazer uma manifestação”.

Percebemos neste acontecimento que o difundido nos meios esportivos ultrapassa as questões da quadra e atinge a sociedade como um todo, as manifestações sofridas por este jogador pela torcida adversária, mostra o quanto a sociedade esta engatinhando no sentido de desconstruir a naturalização e eternização de que para ser atleta de voleibol homem ou de qualquer outro esporte o individuo tem que assumir primeiro uma opção heterossexual, nas condutas e posturas dentro e fora da quadra.

Interessante notar ainda que diante deste fato, ocorreu uma mobilização dos membros desta equipe e do órgão responsável em dirigir o Voleibol Nacional de repúdio aos comportamentos desses torcedores que o agrediram com gestos, palavras de xingamentos.

Estas atitudes assumidas tanto pela equipe de Voleibol como das autoridades do voleibol nacional, rendeu uma campanha midiática quanto a este ou qualquer outro tipo de preconceito.

Já que toda esta situação instaurada, poderia afetar a carreira esportiva desse e de tantos outros jogadores de Voleibol ou de qualquer outro esporte.

Nesta direção, fizemos uma pergunta aos novos entrevistados, se de alguma forma a homossexualidade, teria influencia nas suas trajetórias de vidas, profissional, atlética e familiar, as respostas estão contidas no quadro dez.

Quadro 10. - A HOMOSEXUALIDADE TEM INFLUÊNCIA SOBRE SUA VIDA PROFISSIONAL, ATLÉTICA E FAMILIAR

PILÃO	Lá no meu ambiente de trabalho, é normal, porque lá todos sabem que eu sou, e me respeitam, mas sou normal do jeito que sou. Tem
-------	--

	<p>peças que estrañham quando falo que sou homossexual, porque não aparento, até me comparam com um professor que é, o fulano é, você não aparentam. Como também tive aluno que deu em cima de mim, e com a minha postura, eu já não permiti, dei uma ralada, não dei corda.</p> <p>.</p>
TOSTÃO	<p>No meio profissional é um preconceito que você ser cabelereiro é gay, só que eu fui influenciado a ser cabelereiro pelo meu Tio que é heterossexual e casado com minha Tia. Eu morava na fazenda, ele me chamou para vir para Araraquara que ele estava montando um salão, que já tinha uma clientela e eu vim.</p> <p>Eu ser ou não homossexual não me atrapalhou em nada, se sou uma pessoa boa, sou boa.</p>
ALEMÃO	<p>Na parte profissional não, por que assim, mantenho uma postura, mas quando atendo algum cliente que é quer falar com a família e não sabe com deve fazer, sim eu até falo, não vejo reação nenhuma, de todos que já atendi, só tiveram duas pessoas, na verdade não foi nem o paciente, foram os pais dos pacientes, que se sentiram um pouco incomodados pelo fato de ser e quiseram trocar de psicólogo, eu não falo, se alguém vir perguntar ai respondo que sim. Acho que na parte profissional não teve problema algum. Na parte atlética não saio falando, mas se perguntarem falo na boa.</p>
TICÃO	<p>Não me atrapalha, pelo menos até hoje nunca me atrapalhou</p>

Fonte: Construção do próprio pesquisador

As respostas foram unânimes no sentido que não sofrem preconceitos nos campos profissionais que atuam, mas nos chamou a atenção o fato de não viverem do voleibol, terem carreiras paralelas ao voleibol, diferentemente dos atletas referendados de alto rendimento que tiveram problemas sim, devido ao fato de investimento financeiro das equipes de alto nível ser muito altos.

Deduzimos com isso, que o voleibol que praticam possui uma realidade bem diferente do alto nível, já que os investimentos são poucos ou não possui, dependendo muitas vezes do poder público para continuidade dessas equipes.

Com isso a exposição a mídias, e a feitos nacionais ou internacionais ficam reduzidos quase à zero, tendo apenas quando muito a divulgação local, onde pertencem estas equipes.

Então por não conseguirem viver do voleibol, buscam carreiras profissionais condizentes com suas realidades socioeconômicas, e daí terem sucesso neste campo, não sofrendo nenhum tipo de preconceito pelo fato de serem homossexuais, como as respostas comprovaram.

Neste sentido interessante notar que suas carreiras profissionais, são voltadas a área de humanas, um trabalha em escola, outro é cabeleireiro, outro atende pessoas, só um que não declarou especificamente sua carreira profissional, mas todas elas não exigem uma virilidade explícita e inerente a sua condição de sucesso profissional, diferentemente do esporte que exige essa condição exteriorizada no atleta.

Por fim, perguntamos aos nossos entrevistados porque tem muitos homossexuais jogando voleibol.

O quadro a seguir mostra as respostas dadas pelos jogadores:

Quadro 11. EM SUA OPINIÃO, PORQUE TEMOS MUITOS HOMOSSEXUAIS JOGANDO VOLEIBOL?

PILÃO	Pelo que vejo, percebo é que a maioria que já conheço, eles gostam de ver o voleibol feminino, então a partir do feminino é que surge este lado, é estranho você ver um homem usando o “brigth” (protetor de braço), e você já vê na maioria dos Gays usando. Nas categorias mais profissionais, alto nível, é mais escondido, já nas categorias amadoras é mais evidente.
TOSTÃO	Acho que é muito do machismo, tipo você é gay e nunca vai conseguir se enturmar com aqueles boleirinhos do futebol (meninos que jogam futebol), ou você acaba seguindo para algum outro esporte ou você vai para o vôlei, é a mesma coisa das lésbicas no futebol, quando você é lésbica, você não vai ficar com a “Barbies” ou “Princesinhas”, você vai ficar no meio da molecada, eu acho uma interação social, você cresce e vai se moldando. No vôlei acabou ficando aparente porque algumas outras vão se destacando aqui no amador, por que quando chega no profissional, em uma coisa maior, acaba sendo apagado pelo preconceito, algo que não entendo, pois já escutei de atleta de alto rendimento falar que o fulano só não vai pra frente porque é gay.

ALEMÃO	Eu acho que é pelo fato de antigamente que o vôlei é feito para mulher, então se homem joga vôlei é porque ele é o “viadinho” da turma, ele é a “menininha” da turma, como o futebol é para homens, o balé é para meninas, eu acho que tudo que foge da regra imposta pela sociedade, seria uma coisa diferente, eu acho, como posso te explicar, eu acho que é mais evidente pelo fato dos gays em si obterem mais facilidades para jogar, na categoria amadora, por que no alto rendimento você tem que esconder.
TICÃO	Essa é uma pergunta que eu acho que não tem resposta, eu acho que é porque os Homossexuais se identificam mais com o voleibol por ter mais influência, por questão pessoal, meu amigo joga, então posso jogar também, sou gay, também vou jogar, estou com os homossexuais, meus amigos, eu acredito que isso ajuda muito, em questão desta influência, tipo, meus amigos jogam, me chamaram, eu vou jogar, e eu levo aqui como um prazer ou sequer mesmo uma vida profissional. Essa é minha opinião, porque não tem explicação porque se concentra mais homossexuais no vôlei.

Fonte: Construção do próprio pesquisador

Resolvemos aqui analisar individualmente cada resposta, pois se trata das concepções assumidas por cada um deles de acordo com suas trajetórias e experiências vividas ao longo de toda sua vida.

Começamos por Pilão que atribui o fato de ter muitos homossexuais praticando voleibol, pelo fato de gostarem de assistir aos jogos femininos, das mulheres usarem alguns apetrechos femininos que facilitam o jogo, neste caso fica evidente a associação do feminino ao masculino, havendo uma incorporação de comportamentos aceitos pelos jogadores homossexuais, daí a preferência pelo esporte, pela identificação desta condição;

Já no depoimento de Tostão verificamos que ele credita o fato por conta muito do machismo saliente em esportes como o futebol, por exemplo, naturalmente há uma exclusão por parte do menino que não se enquadra nesta exigência de querer praticá-lo por ser gay e em sua fala: “nunca vai conseguir se enturmar com aqueles boleirinhos do futebol (meninos que jogam futebol)”.

Identificamos na sua fala que ainda hoje há uma demarcação de funções e comportamentos presentes socialmente, quando diz que o indivíduo que se assumi gay acaba mudando sua trajetória de vida, “ou você acaba seguindo para algum outro esporte ou você vai para o vôlei”. Esta fala corrobora com o senso comum que o esporte Voleibol é coisa de menina.

E ainda reforça mais ainda este pensamento da demarcação de funções e pertencimentos de grupo quando diz:

“É a mesma coisa das lésbicas no futebol, quando você é lésbica, você não vai ficar com a “Barbies” ou “Princesinhas”, você vai ficar no meio da molecada eu acho uma interação social, você cresce e vai se moldando”.

Por estas razões entende nosso entrevistado que aparentemente tem mais gays no voleibol do que em qualquer outro esporte. Mas ratifica a questão que nos níveis mais amadores de equipes, isso se torna mais claro, entendemos que as oportunidades de atuação são maiores a seleção não se faz com tanto critério até por não tem grandes capacidades físicas, técnica e táticas para atuarem no nível mais profissional do esporte.

Em suas palavras:

“No vôlei acabou ficando aparente porque algumas outras vão se destacando aqui no amador, por que quando chega no profissional, em uma coisa maior, acaba sendo apagado pelo preconceito, algo que não entendo, pois já escutei de atleta de alto rendimento falar que o fulano só não vai pra frente porque é gay”.

Muitas barreiras são colocadas na trajetória de jogadores homossexuais, segundo sua visão, daí o preconceito ainda ser determinista na longevidade da carreira esportiva desses atletas declarados homossexuais, fica nítido tudo isso pelas indagações que faz, sem obter respostas concretas a tudo isso, justifica-se dizendo que há um abrandamento do preconceito na realidade que vive. “Porque isso? Se a pessoa tem condições plenas de jogar em uma

condição melhor que amadora, ela não pode jogar pela sua orientação sexual? No amador é muito mais aceitável e por isso fica muito mais aparente, por isso parece que tem mais gays no voleibol”.

Concluimos sua fala, apontando para a distinção de realidades existenciais e possíveis oportunidades de sucesso e fracasso no meio do voleibol, tendo como norte o bloqueio executado pela sociedade no imaginário social que a opção sexual muitas vezes torna-se determinista no prosseguimento de uma carreira profissional esportiva.

Na fala de Alemão, percebemos que primeiro ele justifica a situação em função do resgate histórico que faz, dizendo que é pelo fato de “antigamente o vôlei é feito para mulher”, daí se homem praticá-lo será assemelhado a uma mulher e por distinção estigmatizado como gay.

Em sua apalavras:

“Então se homem joga vôlei é porque ele é o “viadinho” da turma, ele é a “menininha” da turma”.

Reforça ainda mais este pensamento, quando coloca que os esportes também têm seus códigos específicos, e suas escolhas são demarcadas pela condição de ser homem e mulher.

Diz alemão:

“Como o futebol é para homens, o balé é para meninas”.

A subversão a esta condição imposta pela sociedade levaria estes indivíduos a sofrerem preconceitos e barreiras no campo esportivo e profissional, mas também acredita como Pilão, que nos níveis mais inferiores de atuação esportiva, seria mais fácil acesso a prática do voleibol competitivo, as oportunidades seriam mais aparentes, daí terem mais homossexuais nestes níveis do que no alto nível.

“Eu acho que tudo que foge da regra imposta pela sociedade, seria uma coisa diferente, eu acho, como posso te explicar, eu acho que é mais evidente pelo fato dos gays em

si obterem mais facilidades para jogar, na categoria amadora, por que no alto rendimento você tem que esconder.

Finalmente nas palavras de Ticão, vemos a complexidade imposta desta realidade, porque há um contrassenso em suas respostas, pois segundo ele: “essa é uma pergunta que eu acho que não tem resposta”, mas ao mesmo tempo ele vê que os homossexuais se identificam mais com o voleibol.

Em suas palavras:

“Eu acho que é porque os Homossexuais se identificam mais com o voleibol por ter mais influência, por questão pessoal, meu amigo joga, então posso jogar também, sou gay, também vou jogar, estou com os homossexuais, meus amigos, eu acredito que isso ajuda muito, em questão desta influência, tipo, meus amigos jogam, me chamaram, eu vou jogar, e eu levo aqui como um prazer ou sequer mesmo uma vida profissional. Essa é minha opinião, porque não tem explicação porque se concentra mais homossexuais no vôlei”.

Constatamos que há uma construção de grupos específicos que demarcam e ratificam esta posição de assumir o voleibol como prática esportiva. Diante disto, quando estes jogadores homossexuais são aceitos nestes grupos, tendem a propagar o sucesso obtido nesse espaço, acolhendo assim, todos aqueles que porventura possuírem esta mesma condição instaurada na sua trajetória de vida.

Assim, diante de todo o exposto, identificamos que a demarcação de função e as questões de gênero estão presentes neste universo de escolhas e práticas esportivas, e que o voleibol enquanto representação social ainda é pertencente ao universo feminino majoritariamente nas falas de nossos entrevistados.

Que o preconceito causa barreiras sensíveis numa possível ascensão esportiva, e que o fato de serem homossexuais, veem barreiras muitas vezes intransponíveis para outros níveis de atuação esportiva.

Também identificamos nestas falas que nos níveis mais inferiores de atuação há uma aceitação maior e, portanto maiores oportunidades desses jogadores homossexuais de atuarem, daí nestes níveis segundo seus depoimentos existem mais homossexuais declarados praticando o voleibol.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificamos que historicamente o Voleibol no Brasil foi praticado mais por mulheres do que por homens, daí trazer no seu bojo como representação social, uma prática demarcada por uma questão de gênero.

E que a partir disso, muitos estereótipos foram criados em função de sua prática, levando muitos adeptos dessa prática a serem estigmatizados como gay.

E quando assumem esta condição de gays, como nossos jogadores aqui entrevistados, são preconceituados, com violências simbólicas, taxados com comportamentos distintivos em relação a normatização social que impõe aos homens atletas uma virilidade, força necessária a manutenção das características masculinas.

Cria-se assim um paradoxo existencial, do mesmo modo que a sociedade elege o voleibol um esporte feminino, exige dos homens que o praticam uma virilidade e força condizentes com as características masculinas.

Percebemos ainda, que o fato de serem homossexuais declarados, trouxeram preconceitos nas suas carreiras esportivas e também no próprio grupo onde atuam com piadas e pressões para assumirem comportamentos heterossexuais.

Salientamos ainda que nos níveis mais inferiores de atuação eles são mais aceitos, já que a exposição a mídias de grande difusão e também ao pouco investimento que há, eles são mais aceitos e podem desenvolver sua trajetória um pouco mais tranquila.

Por fim constatamos que o silenciar ainda impera quando se trata desse assunto nos diversos campos de atuação, seja na família, nas equipes ou nos locais de trabalho, configurando que o tabu existencial perpassa os tempos e ainda hoje se faz presente, fazendo vítimas todos aqueles que subvertem a ordem da lógica social.

Necessitamos com isso muitos estudos relacionados a esta temática.

Portanto, ao concluir esta pesquisa, inferimos essas considerações a respeito desta temática que trata da homossexualidade em jogadores de voleibol, e que não estão esgotadas aqui, para a partir delas novos estudos possam surgir a respeito do assunto e que este trabalho como um todo sirva de reflexões para profissionais que atuam neste campo profissional.

9. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE M. T. da C. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, p. 170.
- AMERICAN HERITAGE DICTIONARY. Versão eletrônica.
- ANTHIAS, E & YUVAL-DAVIS, N. *Racialized boundaries. Race, nation, gender, colour and class and the anti-racist struggle*. Londres e Nova York: Routledge, 1993.
- AZEREDO, S. *Teorizando sobre gênero e relações raciais. Estudos Feministas*. Número especial, outubro 1994.
- BEAUVOIR, S. *Le deuxième sexe*. Paris: Éditions Gailimard, 1949.
- BITTENCOURT, C. *As "tradições nacionais" e o ritual das festas cívicas*. In Pinsky, J. (org.). *O ensino de História e acriação do fato*. São Paulo: Contexto, 1988.
- BIZZOCCHI, C. "Cacá" *O voleibol de alto nível: da iniciação à competição* / Carlos "Cacá" Bizzocchi Barueri, SP : Manole 2004
- BOIKIAN, J. C. M. *Ensinando Voleibol* / João Crisostimo Marcondes Bojikian – Guarulhos, SP : Phorte Editora, 1999
- BRAH, A. *Difference, diversity and differentiation*. In Donald, J. e Rattansi, A. (ed.) *'Race', culture and difference*. Londres: SAGE, 1992.
- BRITZMAN, D. *O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade*. Vol. 21(1), jan/jul.1996.
- BOJIKIAN, J. C. M. *Ensinando Voleibol*. Guarulhos. Phorte Editora, 1999.
- BURDIEU, P. *A Dominação Masculina*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2002
- CANDIA, C, BOTELLA, M., LOPEZOSA, P & MORFA, J. *Minha primeira biblioteca de iniciação sexual e afectiva*. Queluz: IMPALA, 1995.
- CARVALHO, J. M. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Child and citizen — genealogies of schooling and subjectivity*.

- Austrália: Graffith University, 1993.
- CONNELL, R. *Políticas da masculinidade. Educação e Realidade*. Vol.20 (2), jul/dez. 1995.
- DALTON, M. *O currículo de Hollywood. Educação e Realidade*. Vol 21(1), jan/jun. 1996.
- DAUPHIN, C. *Mujeres solas*. In Duby, G. e Perrot, M.(orgs.) *Historia de las Mujeres. El siglo XIX — Cuerpo, trabajo y modernidad*. Madrid: Taurus, 1993.
- DIAS, M. *Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças*. EstudosFeministas. Vol.2 (2), 1994.
- DICIONÁRIO DO AURÉLIO. Versão eletrônica, julho1994.
- DONEY, M. & DONEY, M. *Quem me fez?* São Paulo, Paulinas:1991.
- EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: uma introdução*. SãoPaulo: Martins Fontes, 1983.
- FELIPE, J. *Cadernos de Educação Básica*. Vol.3. Porto Alegre:Mediação, 1997.
- FIORI, N. *A educação nos tempos do Estado Novo: a Construção da Identidade Nacional*. Exposição fotográfica. XVIII Reunião Anual da ANPED, 1995.
- FLAX, J. *Pós-modernismo e as relações de gênero na teoriafeminista*. In Hollanda, H. (org.) *Pós-Modernismo ePolítica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- FLORESTA, N. *Opúsculo humanitário*. (1853). São Paulo:Cortez e INEP, 1989.
- FORQUIN. J-C, *Escola e cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas,1993.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade. Vol. 1: A vontade desaber*. 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *Microftica do Poder*. 11a ed. Rio de Janeiro:Graal, 1993.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 7a ed. Petrópolis: Vozes,1987.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2; o uso dos prazeres*. Tradução de

- FRIEDMAN, B. *The feminine mystique*. Londres: Penguin, 1963.
- HALL, S. *A questão da identidade cultural*. In Hall, S., Held, D. & McGrew, T (orgs.) *Modernity and its futures*. Cambridge: Polity/Open University, 1992.
- HARDING, S. (ed.) *Feminism & methodology*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press e Open University Press, 1987.
- HARDING, S. *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista*. Estudos Feministas. Vol. 1 (1), 1993.
- HARRIS, R. *Sexo...qué es? Desarrollo, cambios corporales, sexo y salud sexual*. Barcelona: Serres, 1996.
- HOLLANDA, H. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JOHNSON, R. *Sexual dissonances: or the "impossibility" of sexuality education*. *Curriculum Studies*. Vol. 4 (2), 1996.
- KATZ, J. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KIBBY, M. *Representing masculinity*. [on-line] Disponível na Internet via www. URL: <http://www.faass.newcastle.edu.au/socanth/REPRESSEN.HTM>.
- KIRK, D. e SPILLER, B. *Schooling for docility-utility: drill, gymnastics and the problem of the body in Victorian elementary schools*. In Meredyth, D. e Tyler, D. (ed.)
- LAURETIS, T. *Upping the anti isic) in feminist theory*. In Doring, S. (ed.) *The Cultural Studies reader*. Londres e Nova York: Routledge, 1993.
- LAURETIS, T. *A tecnologia do gênero*. In Hollanda, H. (org.) *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAURETIS, T. *Feminist Studies/Critical Studies: Issues, terms, and contexts*.

- In Lauretis, T. (ed.) Feminist Studies/Critical Studies.* Bloomington e Indianapolis: IndianaUniversity Press, 1986.
- LOURO, G. *Magistério de 1o grau: um trabalho de mulher. Educação e Realidade.* Vol. 14(2), jul/dez 1989.
- LOURO, G. *Mulheres nas salas de aulas.* In Priore, M. (org.) *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1997.
- LOURO, G. *Gênero, História e Educação: construção edesconstrução. Educação e Realidade.* Vol.20 (2), jul/dez.1995a
- LOURO, G. *Produzindo sujeitos masculinos e cristãos.* In Veiga-Neto, A. (org.). *Crítica pós-estruturalista e Educação.* Porto Alegre: Sulina, 1995b
- LUKE, C. *Feminist pedagogy theory: Reflections on power and authority.* Educational Theory. Vol. 46 (3), verão 1996.
- MAC AN GHAILL, M. *Deconstructing heterosexualities with in school arenas.* Curriculum Studies. Vol. 4 (2), 1996.
- MACHADO, R. *Por uma genealogia do poder.* Introdução. In Foucault, M. *Microfísica do poder.* 11a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- MAIA, A. *Sobre a analítica do poder de Foucault.* Tempo social. São Paulo, 7(1-2), out. 1995.
- MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto do partido Comunista, 1848.* Tradução de Suely Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2011, p. 28 e 29.
- MESSNER, M. *Boyhood, Organized Sports, and the construction of masculinities.* In
- KIMMEL, M. & MESSNER, M.(org.). *Mens lives.* 2a ed. Nova York e Toronto: MacMillan Publishing Co. e Maxwell MacMillan Canada, 1992a
- MESSNER, M. *Power at play: sports and the problem of masculinity.* Boston: Beacon Press, 1992b.

- MIC ELI, E *Por outras Histórias do Brasil*. In Pinsky, J. (org.). O ensino de História e a criação do fato. São Paulo: Contexto, 1988.
- MILLET, K. *Sexual politics*. Londres: Hart-Davis, 1969.
- NARI, M. *Relaciones peligrosas: Universidad y Estudios de la Mujer. Feminaria*. Ano VII (12), maio de 1994.
- NAPHY, William. *Born To Be Gay: História da Homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2006, p. 19.
- POLLOCK, G. *Missing women. Rethinking early thought on images of women*. In Squires, C. (ed.) *The critical image*. Seattle: Bay Press, 1990.
- PORTINARI, D. *O discurso da homossexualidade feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- REINA, Fábio T. *Pés Trocados: a violência simbólica em bailarinos e jogadoras de futebol*. Curitiba. Appris, 2017
- RIBEIRO, Jorge L.S. C *Conhecendo o Voleibol*. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.
- ROBERT, J. *Mi sexualidad (de 0 a 6 años)*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1987.
- ROSEMBERG, E *Educação sexual na escola*. Cadernos de Pesquisa. 53, maio 1985.
- ROSEMBERG, E, PIZA, E. & MONTENEGRO, T. *Mulher e Educação formal no Brasil: Estado da arte e bibliografia*. Brasília: INEP/REDUC/FCC, 1990.
- SCOTT, J. *Deconstructing equality-versus-difference: or, the uses of poststructuralist theory for feminism*. *Feminist Studies*. 14 (1), Primavera 1988.
- SCOTT, j. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.
- SCRATON, S. *Educación Física de las niñas: un enfoque feminista*. Madrid: Morata, 1992.

- SEDWICK, E. *Axiomatic*. In Daring, S. (ed.) *The Cultural Studies reader*. Londres: Routledge, 1993.
- SILVA, A. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: Centro Editorial e Didático/CEAO, 1995.
- SILVA, T.T *Identidades terminais. As transformações na Política da Pedagogia e na Pedagogia da Política*. Petrópolis:Vozes, 1996.
- SORJ, B. *O feminismo na encruzilhada da modernidade epós-modernidade*. In Costa, A. e Bruschini, C. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro e São Paulo: Rosados Ventos e Fundação Carlos Chagas, 1992.
- SPENDER, D. *Instituciones educativas. Donde a la cooperación se le llama trampa*. In Spender, D. e Sarah, E. (ed.) *Aprender a perder*. Buenos Aires: Paidós, 1993a.
- SPENDER, D. *Trucos de desapariciones*. In Spender, D. e Sarah, E. (ed.) *Aprender a perder*. Buenos Aires: Paidós, 1993b.
- THORNE, B. *Gender play. Girls and boys in school*. New Brunswick e New Jersey: Rutgers University Press, 1993.
- TYACK, D. e HANSOT, E. *Learning together*. Nova York: Russell Sage Foundation, 1992.
- VARELA, J. e ALVAREZ-URIA, E *A maquinaria escolar*. Teoria e Educação. 6, 1992.
- VIEIRA, Silvia, *O que é vôlei*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: 2007.
- WALKERDINE, V. *O raciocínio em tempos pós-modernos*. Educação e Realidade., Vol.20(2), jul/dez.1995.
- WEEKS, J. *El malestar de la sexualidad. Significados, mitos y sexualidades modernas*. Madrid: Talasa, 1993.